



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE EM AMERICANAH:
APONTAMENTOS PARA UMA REPORTAGEM**

Isadora Boaventura Cavalcante Bombonatti

Rio de Janeiro

2018

BOMBONATTI, Isadora Boaventura Cavalcante. **Anotações para uma reportagem especial sobre Chimamanda Ngozi Adichie: reflexos de sua vivência como mulher, negra e imigrante.** Orientadora: Cristina Rego Monteiro da Luz. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO.

Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Esta monografia pretende levantar dados a respeito da vida de Chimamanda Ngozi Adichie. Analisaremos como os processos migratórios que marcaram sua trajetória influenciaram, direta ou indiretamente seu trabalho, com o objetivo de estruturar uma reportagem especial sobre a escritora. Nascida em uma pequena cidade na Nigéria, Chimamanda tem um histórico marcado por acontecimentos políticos importantes. Seus avós participaram do movimento separatista que culminou na Guerra da Biafra. Tanto seu pai quanto sua mãe dedicaram a vida ao meio acadêmico, estimulando o pensamento crítico dos filhos. A própria escritora participou de movimentos políticos estudantis durante sua formação universitária. Esses e outros acontecimentos reverberam em seus livros - três romances e uma coletânea de contos publicados. O principal referencial de estudo deste trabalho é o livro *Americanah*, lançado originalmente nos Estados Unidos em 2013, por ser obra mais autobiográfica da autora. Fala de uma mulher negra que se mudou ainda adolescente para outro país. O trabalho busca apontar como três pilares influenciaram a constituição de sua história pela perspectiva dos temas que guiam a narrativa - a imigração, o gênero e a etnia.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração; África; Nigéria; Feminismo; Gênero; Etnia; Identidade; *Americanah*; Chimamanda Ngozi Adichie.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE, A MULHER E A CONTEXTUALIZAÇÃO DE SUA OBRA	6
3. A EMERSÃO DO CONTEXTO EM AMERICANAH	17
3.1 IDENTIDADE E IMIGRAÇÃO	17
3.2 GÊNERO.....	25
3.2 ETNIA.....	36
4. CONCLUSÃO.....	43
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

1. Introdução

A imigração é uma questão crucial na agenda da comunidade internacional. Uma reportagem especial com personagem de grande projeção pode chamar atenção para o problema de forma reflexiva, humanizar sem estereotipar aspectos importantes dos dramas pessoais de quem vive a experiência da migração. Não se pode mais fechar os olhos para essa pauta global e suas implicações. E foi o interesse por esse tema que levou à escolha da voz da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie para falar sobre a perspectiva de uma imigrante negra que extrai o máximo das suas vivências para desenvolver seus relatos. Adichie é uma escritora reconhecida mundialmente, premiada com o *Orange Fiction Prize* (2007) e com o *Commonwealth Writers' Prize for Best First Book* (2005).

Apesar de ser considerada uma autora de ficção, as obras de Chimamanda estão próximas de serem relatos autobiográficos. Esta coleta de dados/reportagem/monografia pretende fazer um recorte e aborda o mais pessoal deles: *Americanah*. A protagonista da história, Ifemelu, tem uma trajetória de vida particularmente semelhante a da própria da escritora. Os acontecimentos narrados no livro serão o ponto de partida das informações referenciadas deste trabalho.

No capítulo dois, a pesquisa contextualiza a vida da autora. Uma vez que o percurso de Chimamanda é a principal base para as suas obras, compreender como os caminhos seguidos pela escritora influenciam as pautas levantadas nos livros de sua autoria é essencial. Nascida e criada na Nigéria, Chimamanda imigrou para os Estados Unidos aos 19 anos, após ganhar uma bolsa de estudos para cursar Comunicação na Universidade de Drexel - localizada no estado da Pensilvânia.

Como alguém tão jovem vivencia experiências em um local diferente da terra natal? Como cria uma visão própria de si? Mergulharemos na vida da autora, fazendo uma análise dos principais acontecimentos registrados até o presente momento, quando Chimamanda já goza de fama e amplo reconhecimento profissional.

Já no capítulo três, relacionamos três pilares teóricos - imigração e reflexos identitários, gênero e etnia - com as vivências da autora. Primeiro, estruturamos a percepção da constituição de identidade a partir das ideias de Benedict Anderson (1993), Michel Foucault (1987) e Gilles Deleuze (1990). Também foram utilizados pensamentos de Stuart Hall (2003), Paulo Vaz e Amanda Santos (2017). A partir daí, busca-se compreender como o ato de imigrar impacta os indivíduos, com o auxílio de conceitos de Abdelmalek Sayad

(1998) - sempre usando a trajetória de Chimamanda como exemplo prático para estes conceitos.

Este trabalho de conclusão de curso foi definido por tocar em um aspecto latente vivencial da autora. Nascida na cidade de São Paulo e criada em Fortaleza, capital do Ceará, foram 18 anos morando em terras alencarinas, tendo o privilégio de crescer vendo o mar. Até que, ao passar no vestibular, houve uma mudança de endereço e estudos na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 2014, aconteceu uma estada de dois meses no Peru. Foi arrebatador, e por pouco não significou uma mudança definitiva. Ao regressar, em 2016, houve a oportunidade cursar um período da graduação na França. Essa janela de cinco meses foi marcante. Até aquele momento, a percepção que tinha de mim era uma pessoa arretada de verdade. Superando todas as adversidades que a situação de morar sozinha na selva carioca me proporcionava, fazendo jus ao meu sangue quente e nordestino. Uma verdadeira Maria Bonita da contemporaneidade. Mas eu não sabia era mesmo de nada. Sofrer um ataque xenofóbico por dia. Essa sim foi a “bucha” que me fez “engrossar a pele do pescoço”, como se fala no meu país, o Ceará.

Passadas muitas crises de choro, pode haver mais um mês de estadia na França, sem ser por obrigação. Sem condições psicológicas de ficar onde estava, trouxas foram juntadas e houve uma nova mudança. Dessa vez para uma cidadezinha no meio do gelo, a acolhedora Pitesti, que fica duas horas de trem da linda Bucareste - capital da Romênia. "Ali eu fui muito feliz". Uma cultura tão diferente, e ao mesmo tempo tão parecida com a brasileira, proporcionou uma verdadeira *rehab** emocional.

"Voltei pensando em tudo que havia vivenciado. O lado do índio, do pobre, do cigano, do sírio, do negligenciado pela sociedade. Tantas imersões permitiram experienciar o que é deixar de ser Isadora e ser colocada do papel de uma imigrante, de uma brasileira, de uma provável prostituta, de uma ameaça".

No entanto, ser estranho ao conjunto é anterior às viagens ao exterior. Ao chegar no Rio de Janeiro, abrir a boca e dizer *arrudeia* bastou para ser classificada como a “caloura que veio no pau de arara”. O dia a dia trouxe uma visão holística da situação. Lembrava da menina em Fortaleza, quando explicava aos amiguinhos da pré-escola por que falava “cáspita” quando ficava com raiva - uma expressão do dialeto italiano que a família paterna preservou dos antepassados. A imigração é uma causa. "É algo que dói por ser intrínseco à minha essência, como de muitas pessoas". Sempre foi, provavelmente sempre será.

A partir dessa questão e da formação como jornalista se estabeleceu a ponte com Chimamanda. No caso, ao tratarmos de uma mulher negra, foi fundamental compreender

como as questões de gênero e etnia influenciaram a constituição da identidade nesta interseccionalidade - temas ainda analisados no terceiro capítulo. Foram revistos os conceitos de Simone de Beauvoir (1970), uma boa teórica sobre o tema de gênero e os de Judith Butler (2003), que também revisa as ideias de Beauvoir. Quanto à etnia, Angela Davis (2017) e Audre Lorde (2007) são duas autoras que estudam tanto etnia quanto a questão do feminismo interseccional. Além disso, a obra da acadêmica brasileira Djamila Ribeiro (2017), ajudou a explicar o conceito relativamente recente de “local de fala”.

Americanah, obra escolhida como foco, não tem uma narrativa linear. Não seria uma fonte de pesquisa jornalística tradicional, mas é nesse livro que Chimamanda explora todas as vertentes que estão ao seu alcance para tornar o mais vívido possível para o leitor a experiência de ser um imigrante. Mais especificamente, como ser uma mulher negra imigrante nos Estados Unidos - país cada vez mais marcado por um governo que não reconhece a pluralidade de uma população adquirida ao longo dos anos da pós-colonização britânica. Ainda assim, o livro retrata o período da primeira eleição do ex-presidente Barack Obama e como isso reverberou em toda a comunidade de eleitores norte-americana.

Como tratamos de recortes muito específicos, por mais que a personagem protagonista seja mulher, o leitor também acompanha a trajetória de Obinze - um estudante nigeriano que imigra para o Reino Unido. Logo, é imprescindível compreender primeiro o que é a imigração para partirmos para os próximos conceitos da pesquisa.

Uma vez pontuados os três principais conceitos teóricos que regem nosso texto, o último capítulo irá “costurar” como esses pensamentos puderam influenciar na constituição da identidade de um indivíduo imigrante do gênero feminino a partir dos episódios narrados em *Americanah*. Como uma história de vida fragmentada em vários espaços constituiu sua personalidade; a relação que Ifemelu tem com a Nigéria - suas raízes. Os temas funcionam como um painel para o início do argumento jornalístico que traçará um grande perfil e o contexto do cenário de uma vida de migração.

Por fim, inferimos as considerações finais não só por meio da “costura” entre embasamento teórico e experiências de vida da autora, mas também por dados levantados sobre etnia, imigração e gênero em um contexto mais amplo para ilustrar ao leitor o tanto que os três temas a serem abordados são relevantes em uma perspectiva global no produto jornalístico que se planeja produzir a partir dessa pesquisa.

2. CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE, A MULHER E A CONTEXTUALIZAÇÃO DE SUA OBRA

O conjunto da obra de Chimamanda Ngozi Adichie tem um cunho autobiográfico forte, marcado por episódios que, de fato, aconteceram. O padrão é perceptível em todos os livros da autora. Porém, *Americanah* é o livro em que o leitor pode mais claramente mergulhar na realidade da escritora. Aqui, estudaremos a trajetória de Chimamanda até os dias atuais para, posteriormente, analisar como certos episódios influenciaram seu trabalho.

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em 15 de Setembro de 1977 na cidade de Enugu, Nigéria. A terra natal da autora é determinante para compreendermos alguns aspectos da sua criação literária. “Enugu” é um termo que significa “topo da montanha” no dialeto igbo - mesma etnia de seus pais e, conseqüentemente, dela própria. Assim como os Yorubás e os Hauçá-fulani, os Igbos são um dos três maiores grupos étnicos da Nigéria¹, representando 18% da população do país em 2017 - segundo a CIA (*Central Intelligence Agency*), agência de inteligência civil do governo norte-americano.

Chimamanda participou da *2017 PEN World Voices Festival: Gender & Power*, na cidade de Nova York, Estados Unidos. O evento é uma feira literária organizada pela *PEN AMERICA* e pela *Penguin Random House* - respectivamente uma ONG e um dos maiores grupos editoriais do mundo, desde a fusão dos dois grupos em 2012². O tema da edição era “Gênero & Poder”. Chimamanda também participou de um painel com o comediante sul-africano Trevor Noah, mais conhecido por ser apresentador do satírico programa de televisão norte-americano *The Daily Show*, sobre o processo de construir uma identidade cultural própria estando sob a condição de imigrante.

Tanto Noah quanto Adichie migraram para os Estados Unidos em algum momento de suas vidas e criaram vínculos com a cultura norte-americana. A própria autora se descreve fortemente moldada pela Nigéria, apesar de sido influenciada por outras referências, e ressalta em como ela e Noah tiveram experiências totalmente diferentes nos seus processos de imigração - justamente por virem de parte completamente distintas do continente africano.

Chimamanda exemplifica que quando começou a fazer seus primeiros ensaios acadêmicos, seus professores se surpreendiam ao perceberem que trabalhos tão bons eram

¹ Disponível em <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ni.html>>. Acesso em 07 dez. 2017

² Disponível em <<http://www.publishnews.com.br/materias/2012/10/30/a-fusao-entre-a-penguin-e-a-random-house>>. Acesso em 09 dez. 2017

escritos por uma aluna negra. O que, diante da “arrogância” nigeriana que carrega, era visto com muita estranheza por sua parte. “Como isso é possível? Eles não sabem que no meu país somos todos brilhantes?”, ironizou em um dos melhores momentos do painel³.

Esse modo de referenciar-se culturalmente foi confirmado por Noah. Entre os anos entre os anos 80 e 90, o comediante conviveu com muitos amigos da mesma nacionalidade que a autora enquanto ainda morava na sua terra natal, por conta do intenso fluxo migratório que houve da Nigéria para a África do Sul - também conhecida como a “Meca da Imigração” no continente africano. Trevor comentou que os nigerianos são muito confiantes e sempre faziam questão de consumir tudo relacionados à sua cultura e história: filmes, música, cultura. Enquanto os sul-africanos sempre tendiam ao “estrangeirismo” - caso fosse americano, era bom.

O que, de fato, faz muito sentido. A Nigéria também é conhecida como a gigante da África: “A economia sul-africana está em segundo lugar no ranking do continente, atrás somente da Nigéria”⁴ (MARSHALL, 2015, p.136) [Tradução livre por Isadora Bombonatti]. Em 2016, segundo dados do Banco Mundial⁵, o país acumulava um PIB de mais de 405 bilhões de dólares e sua população somava cerca de 185 milhões de indivíduos.

Estas informações classificam a Nigéria como um dos países mais populosos do continente - segundo The Demographic Profile of African Profile ⁶, relatório divulgado pela Comissão Econômica das Nações Unidas em abril do ano passado. E não para por aí.

Se pensarmos por uma perspectiva capitalista, dois líquidos que praticamente ditam a vida de todo os seres humanos na terra hoje: a água e o petróleo. Enquanto a Etiópia é, de certa forma, a detentora da água na parte norte da África - o Nilo Azul, principal abastecedor de vazão do Rio Nilo, comparado às demais afluentes, nasce nos planaltos etíopes -, a Nigéria tem o óleo negro. Afinal, “o país é o maior produtor de petróleo da África Subsaariana” ⁷ (MARSHALL, 2015, p.129) [Tradução livre por Isadora Bombonatti].

Isso sem mencionar a presença nigeriana no campo audiovisual. A segunda maior indústria de cinema no mundo⁸, perdendo apenas para a indiana, a dita *Nollywood* produziu

³ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Lz2IKmsuRPk>>. Acesso em 14 de maio. 2018

⁴ “South Africa’s economy is ranked second-biggest on the continent behind Nigeria”.

⁵ Disponível em <<https://data.worldbank.org/country/nigeria>>. Acesso em 10 dez. 2017

⁶ Disponível em <https://www.uneca.org/sites/default/files/PublicationFiles/demographic_profile_rev_april_25.pdf>. Acesso em 10 dez. 2017

⁷ “Nigeria is sub-Saharan Africa’s largest producer of oil (...)”

⁸ Disponível em <<https://www.theguardian.com/world/2014/apr/10/nigeria-africa-biggest-economy-nollywood>>. Acesso em 10 de dezembro. 2017

1844 filmes apenas no ano de 2013⁹. As produtoras encontraram um formato - televisivo - que se adequa perfeitamente ao estilo de vida do nigeriano, o que facilitou a popularização dos filmes.

Em um país em que a maioria da população ainda vive com menos de dois dólares americanos¹⁰ por dia, consumir filmes de produção de baixo custo em formato de *DVD* é muito mais plausível do que ir ao cinema e gastar cerca de dez dólares americanos em um ingresso. Podemos dizer que as novelas televisivas estão para os brasileiros assim como os filmes estão para os nigerianos. Muitos desses marcos grandiosos são a origem da altivez e do orgulho de ser nigeriana que Chimamanda carrega consigo em seus posicionamentos, pois, “presume-se que a identidade cultural, seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior” (HALL, 2003, p.28).

Como também não poderíamos deixar de citar, Chimamanda divide o sobrenome “Adichie” com outros cinco irmãos - sendo ela a segunda mais nova entre os seis. Ainda que não bastasse uma casa com seis crianças, a autora ainda viveu uma infância na companhia de muitos amigos que moravam na mesma vizinhança que sua família. Essas experiências foram determinantes para os futuros trabalhos da autora, como ela mesma conta em suas entrevistas.

Em *Sejam Todos Feministas*, a autora descreve um desses episódios. Em uma discussão com um dos seus melhores amigos, Chimamanda tem o seu primeiro contato com a pauta que levantaria frequentemente em suas falas enquanto pessoa pública. “Okuloma era uma pessoa com quem eu podia debater, rir e conversar de verdade”, conta Chimamanda logo no início da fala, “ele também foi a primeira pessoa a me chamar de ‘feminista’. Não foi um elogio”, finalizou.

Na obra, a autora segue dando exemplos de como a sua formação foi marcada por episódios que a fizeram pensar e repensar o termo pelo qual seu amigo Okuloma havia se referido a ela - “feminista”. Um deles aconteceu ainda no seu período na escola primária. Segundo ela própria conta, a autora nunca esqueceu daquele incidente. Chimamanda queria muito tornar-se a monitora da classe, o cargo que se resumia em vigiar a turma na ausência de um adulto responsável.

Ou seja, uma espécie de extensão do poder do mestre nas mãos de uma criança no alto dos seus nove anos de idade. Para isso, a professora determinou que quem conseguisse a

⁹ Disponível em <<http://fortune.com/2015/06/24/nollywood-movie-industry/>>. Acesso em 10 dez. 2017

¹⁰ Disponível em <<http://www.pordentrodafrica.com/cultura/nollywood-o-cinema-da-africa-que-surpreendeu-o-mundo>>. Acesso em 10 dez. 2017

maior nota em uma determinada prova conseguiria o cargo. Tarefa que Chimamanda executou com maestria. Mesmo assim, ela não ficou com o posto. “Então, para a minha surpresa, minha professora disse que o monitor precisava ser um menino ”, conta a autora, “ela esqueceu de esclarecer isso antes porque aparentemente era, bom, óbvio”, termina.

Pode parecer algo muito simples, mas não é. O episódio é um claro exemplo de como o patriarcado cerceia o lugar das mulheres logo no começo da vida social. É uma agressão sutil que, muitas vezes, passa despercebida.

A violência contra as mulheres muitas vezes se dá contra todas as nossas vozes e as nossas histórias pessoais. É uma recusa das nossas vozes e do que significa uma voz: o direito de autodeterminação, de participação, de concordância ou divergência, de viver e de participar, de interpretar e narrar. (SOLNIT, 2017, p.30)

O sentido de “voz” vai muito além de da capacidade humana de produzir sons. Chimamanda foi impedida de exercer sua participação em um espaço público apenas por conta da sua condição de gênero, mesmo tendo o melhor desempenho da classe. Segundo Solnit (2017, p. 30), ter voz é fundamental, e a autora batalha para que outras meninas e mulheres não passem mais por essas e outras experiências que ela vivenciou ao longo dos anos.

Uma de suas falas mais célebres é a palestra no *TEDxEuston* - iniciativa voltada para debater projetos e acontecimentos relacionados ao continente africano. Apenas no *Youtube*, o vídeo¹¹ conta com mais 4 milhões de visualizações desde que foi publicado, em abril de 2013. Posteriormente, em 2014, *Sejamos todos feministas* foi editado e publicado em formato de livro - lançado pela Companhia das Letras no Brasil - ampliando ainda mais o alcance de suas ideias.

A força de *Sejamos todos feministas* foi tamanha que outras personalidades fora do âmbito literário e acadêmico tomaram partido neste posicionamento. A cantora Beyoncé, incluiu uma parte do discurso na música ****Flawless* presente no disco *Beyoncé*, lançado também em 2013. Em uma entrevista¹² ao veículo de notícias alemão *deVolkskrant*, Chimamanda afirmou que, por mais que tenha concedido a autorização à cantora, o tipo de feminismo que aborda em seus livros não é o mesmo que a Beyoncé trata em suas canções. “... ainda é o que dá margem para uma necessidade muito grande dos homens por parte das mulheres”, concluiu a escritora.

¹¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc&t=298s>. Acesso 14 mai. 2018

¹² Disponível em <<https://www.volkskrant.nl/nieuws-achtergrond/-the-discussion-about-feminism-has-hardly-even-begun-in-africa-~bf701b0c/>>. Acesso 14 mai. 2018

Antes de conseguir desmistificar os eventos que aconteceram na sua infância marcada por construções sociais de gênero, a autora precisou de uma “base” de referências. Chimamanda ressalta frequentemente a influência de seus pais em sua criação - Grace Ifeoma, nome de solteira, e James Nwoye Adichie. Ambos foram acadêmicos.

A família Adichie está vinculada à Universidade da Nigéria, cujo principal campus fica na cidade de Nsukka. James tornou-se Doutor pela Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos, foi o professor de Estatística no início de sua carreira. Posteriormente, assumiu o cargo de Vice-Reitor da Universidade da Nigéria. Hoje o acadêmico de 85 anos encontra-se aposentado e é considerado o primeiro docente de Estatística do seu país - segundo declarações da própria filha.

Ainda que já seja um senhor de idade, James foi vítima de um sequestro em maio de 2015. Capturado entre o percurso que fazia de carro entre as cidades de Nsukka e Abba, sua terra natal, o professor foi libertado três dias depois. A autora pronunciou-se sobre o assunto em um artigo publicado no New York Times, uma vez que o evento aconteceu “por sua causa”.

Os sequestradores pediram para que a filha escritora pagasse uma quantia em dinheiro que, segundo Chimamanda, era o suficiente para alugar um apartamento de dois quartos em Lagos - capital da Nigéria - por um ano. Logo depois de solto, James e a esposa migraram para os Estados Unidos à procura de segurança.

Grace Adichie, mãe da autora, aparece na narrativa como uma forte figura feminina. Também acadêmica, começou sua carreira como funcionária administrativa na universidade chegando até a ser promovida a secretária de admissões - sendo a primeira mulher a ocupar o cargo na história da instituição. Em relatos anteriores, Chimamanda relata que Grace a incentivou a se interessar tanto pelas coisas consideradas “de menina” quanto por outras não tão estereotipadas.

Seja maquiagem ou o gosto pela leitura, Grace incentivou os dois lados aos filhos. “A primeira maquiagem que usei na vida foi o *gloss* para lábios da minha mãe”, contou a escritora para o *The New York Times*¹³. Tanto que esse é um dos pontos levantados em *Para Educar Crianças Feministas - Um Manifesto*, publicação mais recente da autora, lançado no Brasil em 2017 também pela Companhia das Letras.

O livro é originalmente uma carta pessoal de Chimamanda a uma amiga que acabou de se tornar mãe de uma menina. A dúvida é como criar a filha de forma feminista. Um dos primeiros conselhos de Chimamanda é “estimule a leitura”. Afinal, quanto mais livros a

¹³ Disponível em <<https://www.nytimes.com/2016/11/28/fashion/chimamanda-ngozi-adichie-boots-no7-makeup.html>>. Acesso em 14 mai. 2018

criança ler, mais terá sua criatividade aflorada. O que dará mais opções para que ela possa decidir o que será quando tornar-se adulta. Assim, da mesma forma que Grace a ensinou na infância.

Em sua participação na edição de 2017 do *Edinburgh International Book Festival*¹⁴, Chimamanda foi entrevistada por Nicola Sturgeon - primeira ministra da Escócia - oportunidade em que contou um pouco mais sobre o processo de criação de *Para Educar Crianças Feministas - Um Manifesto*.

“Meu primeiro pensamento foi: ‘não sei’. Como eu poderia instruir alguém em como criar a sua filha?”, comentou Chimamanda, “mas eu tenho um prazer pouco saudável em dizer aos outros o que fazer. Então, comecei a pensar sobre o assunto”, fala que arrancou risadas da plateia. “Eu queria que fosse útil para as mulheres. Feminismo é sobre prática e não sobre teoria”¹⁵, finalizou.

Segundo a autora, sua ideia inicial não era publicar a carta. Porém, o resultado a agradou tanto que Chimamanda decidiu divulgar o conteúdo na sua página do Facebook, diante das discussões sobre gênero que ocorrem na Nigéria nos dias de hoje - o que a deixa um pouco incomodada, como ela mesma diz. “Torci para que alguém o achasse útil”, completou a escritora.

Em outro momento da mesma entrevista, Nicola comenta sobre o segundo livro de Chimamanda: “Meio Sol Amarelo”, publicado em 2006 nos Estados Unidos. A autora foi contemplada pelo *Orange Prize for Fiction* por conta da obra no ano seguinte. Aos 29 anos, Chimamanda tornou-se a escritora mais jovem a receber o prêmio, além de ser a primeira africana contemplada na história do *OPF*. A história se passa no contexto da Guerra de Biafra, conflito em que os avós paternos da autora estavam envolvidos politicamente e acabaram morrendo. Segundo a escritora, o livro é extremamente pessoal. Além de ser sua forma de se recusar a esquecer o que aconteceu no passado¹⁶.

Ano passado, 2017, marcou os 47 anos do fim da Guerra da Biafra, também conhecida como Guerra Civil da Nigéria. O conflito durou quase três anos, entre 1967 e 1970, mas foi um dos mais sangrentos do século XX. Visto que o país proclamou independência da Inglaterra em 1960, diversas etnias oriundas de tribos diferentes se encontraram em um território dividido de uma forma que não respeitava suas diferenças. A Nigéria foi separada

¹⁴ Disponível em <https://www.edbookfest.co.uk/?photo_id=89>. Acesso em 14 mai. 2018

¹⁵ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=y-UTBS-vrF8&t=36s>>. Acesso em 14 mai. 2018

¹⁶ Disponível em <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/6729435.stm>>. Acesso em 11 dez. 2017

em três partes: o Leste dominado pelos Igbo, o Oeste, pelos Yorubá e o Norte, pelos Hauçá-fulani.

Em 1966, um grupo de militares - de maioria Igbo - dá um golpe de Estado. Porém, os Hauçá contra-atacaram em questão de meses e dizimaram cerca de 30 mil¹⁷ igbos. Os sobreviventes procuraram refúgio no sudeste da Nigéria e proclamaram independência do país, tornando-se a República de Biafra em 1967. Os anos seguintes foram marcados por cruel repressão por parte do governo nigeriano, por não reconhecer o novo território como autônomo.

O desenrolar do conflito foi marcado por cenas terríveis televisionadas para outras partes do mundo. Principalmente para e pelas grandes potências ocidentais. Os líderes pró-Biafra se aproveitavam dessas imagens para tentar ganhar a simpatia da comunidade internacional para com a sua causa. A guerra deixou um saldo de milhões de mortos, a maioria vítima da fome - a marinha nigeriana fez um cerco marítimo, que impedia embarcações estrangeiras que enviavam suprimentos para os “rebeldes” de chegarem ao território da Biafra. Enfraquecidos, os igbos perderam a guerra e o território da Biafra foi reincorporado ao território nigeriano em 1970.

A Guerra da Biafra não deixa de ser, também, um conflito religioso. O extremo norte da Nigéria faz parte do Sahel - uma faixa de terra semi-árida logo abaixo do Saara que corta praticamente todo o continente africano de leste a oeste. O território é marcado pela presença muçulmana desde o século VII, quando o comércio de camelos migrou do deserto para o sul por conta da expansão árabe. Os Hauçá-fulani são o grupo étnico mais presente neste território do país. Além disso, em sua maioria, esse indivíduos seguem o islamismo, contrastando com os igbos que, em sua maioria, são cristãos.

“Eu fui uma criança assombrada pela história”, respondeu Chimamanda à Nicola. Segundo a autora, escrever *Meio Sol Amarelo* foi um processo de compreensão do fenômeno que levou seus familiares. “A guerra moldou a vida dos meus pais. Eles perderam tudo que tinham. Porém, ainda assim, acreditaram muito nessa causa”, completou a autora, “foi importante para mim tentar capturar a essência do propósito do que aconteceu por ser um aspecto muito inspirador do passado de um país que hoje não tem nenhum posicionamento ideológico definido”, concluiu.

Em meio a uma herança histórica tão forte, Chimamanda construiu um legado próprio desde pequena. A autora estudou a vida inteira em Nsukka, cidade onde foi criada. Seus pais

¹⁷ Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_da_Nig%C3%A9ria>. Acesso em 11 dez. 2017

ainda guardam seus recados do jardim de infância. Em um dos relatórios, seus professores a descreviam como “brilhante”, apesar de não gostar de fazer nenhuma tarefa uma vez que ficava entediada - a autora tinha cinco anos apenas, pela data do informe.

Na adolescência, a escritora foi uma aluna exemplar durante todo o período escolar e recebeu vários prêmios ao longo do Ensino Médio. Posteriormente, Chimamanda optou por cursar Medicina e Farmácia na Universidade da Nigéria - a mesma em que seus pais trabalhavam. Porém, seu período na Nigéria chegaria ao fim em pouco tempo. Um ano e meio depois, a autora, que tinha 19 anos na época, migraria para os Estados Unidos por conta de uma bolsa de estudos para estudar Comunicação na Universidade de Drexel, no estado da Pensilvânia. Os acontecimentos seguintes a essa mudança foram a base para que a escritora escrevesse *Americanah* - aclamado pela crítica especializada.

Em quase todas as suas entrevistas, Chimamanda conta sobre o processo de se descobrir negra ao sair do seu país pela primeira vez. Em 2013, meses depois de *Americanah* ser publicado nos Estados Unidos, a autora concedeu uma entrevista à *NPR - National Public Radio* em que comentou um pouco mais sobre essa experiência. “Raça é um conceito estranho porque você precisa aprender a ser negro na América”, afirma a autora.

No começo da faculdade, a escritora se negava a participar dos coletivos negros universitários porque não se enxergava como tal. Apesar dos apelos suplicantes de seus colegas para que fizesse o contrário o mais rápido possível. Na verdade, ela se considerava “nigeriana”. Apenas. Já que foi criada em um país em que não se é ensinado sobre o processos escravidão nas colonizações das Américas, Chimamanda não conseguia entender, muito menos sentir, a raiva que seus companheiros afro-americanos sentiam e demonstravam.

A autora conta também, na mesma entrevista, que escuta frequentemente “ser diferente por não ser raivosa” quando comparada com as demais mulheres afro-americanas. Na Nigéria, o termo “*Americanah*” é usado para descrever de forma jocosa meninas que imigraram para os Estados Unidos e voltaram para o país “americanizadas”. No livro *Americanah*, a protagonista Ifemelu passa por vários episódios em que tenta se adequar aos costumes norte-americanos como uma forma de se integrar melhor aos círculos sociais com os quais entra em contato. Qualquer semelhança com a realidade é não mera coincidência.

Quanto mais somos capazes de deixar o nosso lar cultural, mais facilmente somos capazes de julgá-lo e também ao mundo inteiro, com o distanciamento espiritual e a generosidade necessários para a verdadeira visão. Mais facilmente, também, avaliamos a nós mesmos e as culturas alheias com a mesma combinação de intimidade e distância (SAID, 2007, p. 348)

Porém, a Universidade de Drexel foi apenas a primeira experiência acadêmica de Chimamanda nos Estados Unidos. Dois anos depois de ingressar na Drexel, a autora começaria seus estudos em Comunicação e Ciência Política na *Eastern Connecticut State University* - onde se formaria com honras em 2001. Não o bastante, a escritora ainda concluiu um mestrado em escrita criativa na Universidade John Hopkins, localizada na cidade de Baltimore.

Durante seu período na *Eastern Connecticut State University*, Chimamanda escreveu seu primeiro romance *Hibisco Roxo*, publicado em 2003. O livro é um retrato da Nigéria atual, em que um conflito geracional entre tradições tribais contrapostas às demandas contemporâneas é o painel de muitas famílias do país. A história também não deixa de ter sua parte biográfica já que, segundo a autora, todos os seus personagens tem um pouco dela mesma. A obra foi premiada com o *Commonwealth Writers' Prize for Best First Book* em 2005, além de ter sido indicada ao *OPF* em 2004.

Cada vez mais reconhecida por sua escrita, Chimamanda só ganhou mais espaço na área acadêmica a partir do lançamento de *Hibisco Roxo* e *Meio Sol Amarelo*. A autora recebeu uma *Hodder Fellowship* - bolsa de incentivo destinada a artistas para que possam desenvolver projetos pessoais - durante o ano letivo 2005-2006 na Universidade de Princeton, classificada como a oitava melhor instituição de ensino superior do mundo, segundo pesquisas da *Times Higher Education*¹⁸.

Em 2008, a autora ganhou um mestrado em Estudos Africanos na Universidade Yale, também reconhecida como uma das melhores do mundo. Três anos depois, Chimamanda chegaria ao ápice ao receber uma bolsa de incentivo concedida pelo *Radcliffe Institute for Advanced Study*, órgão vinculado à Universidade de Harvard. O projeto possibilitou o processo de criação de *Americanah*, já discutido anteriormente.

O hoje é próspero. Aos 40 anos, a autora está casada e se divide entre Lagos, uma das principais cidades do seu país, e Maryland, estado onde tem casa nos Estados Unidos. O “se dividir” é literal, já que ela participa de vários workshops que acontecem frequentemente na Nigéria e dá palestras ao redor do mundo. Isso sem contar as incessantes premiações às quais a autora comparece. Em fevereiro de 2017, por exemplo, *Americanah* foi ganhador do *One Book, One New York* - campanha desenvolvida pela prefeitura, que propunha a escolha de um livro para ser lido e discutido em conjunto pela cidade de Nova York.

¹⁸ Disponível em <<https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/princeton-university>>. Acesso em 12 dez. 2017

Já em novembro do mesmo ano, foi anunciado que Chimamanda será homenageada pela *Poets & Writers* com o *2018 Barnes & Noble Writers for Writers Awards*. A premiação contempla autores que incentivam outros profissionais da área a desenvolverem seus projetos. Um das suas iniciativas é o *Farařina Trust Creative Writing Workshop*, primeiro programa de escrita da África concebido e organizado pela própria autora¹⁹.

E não para por aí. No dia 28 de fevereiro deste ano, foi divulgado em sua página oficial do *Facebook* sua participação no *Pen America Voices Festival* - programado para acontecer em abril próximo. Segundo a descrição no site oficial do evento²⁰, o festival é uma das principais feiras literárias do circuito internacional. A autora fará parte de uma palestra ao lado da advogada norte-americana Hillary Clinton, ex- Secretária de Estado e candidata à presidência dos Estados Unidos em 2016. Ambas falarão a respeito dos direitos das minorias.

Além desse turbilhão de acontecimentos, a autora também pariu uma menina há pouco mais de um ano. Mantendo a discrição de sempre em relação a sua vida pessoal, Chimamanda não divulgou o nome da criança, muito menos detalhes sobre o parto. Diante do seu papel como figura pública, foi uma escolha não compactuar com a “performance da gravidez” a que as celebridades são submetidas pela mídia, como ela mesma descreve em uma entrevista de novembro de 2017 ao veículo de notícias *Quartz*.

Tornando-se mãe, Chimamanda se viu muito confrontada com o que havia recomendado à sua amiga em *Para Criar Crianças Feministas - Um Manifesto*. “Percebi o quão difícil é criar uma menina”, confessa ainda para a entrevista à *Quartz*, “todos os objetos seguem um rótulo de gênero e me dei conta de que a sexualização das meninas começa muito cedo”, termina a autora.

Por fim, diante de tantas funções que essa mulher incorpora, a mais singela delas é a de “humana” - palavra com a qual mais se identifica²¹ no mundo.

¹⁹ Disponível em <https://www.pw.org/about-us/chimamanda_ngozi_adichie_steve_cannon_richard_russo_and_rebecca_saletan_to_be_honored_by>. Acesso em 12 dez. 2017

²⁰ Disponível em <<https://worldvoices.pen.org/about/>>. Acesso em 05 mar. 2018

²¹ Disponível em <<https://www.bustle.com/p/200-women-is-the-coffee-table-book-that-will-inform-your-activism-in-the-days-ahead-3213010>>. Acesso em 12 dez. 2017

3. A EMERSÃO DO CONTEXTO EM AMERICANAH

Existem três pilares na história do Chimamanda: suas vivências enquanto imigrante nos Estados Unidos, seu gênero e sua etnia. Cada um destes núcleos influenciaram para que a autora constituísse sua própria identidade, impressa nos seus trabalhos. Neste capítulo, analisaremos cada um destes pilares individualmente diante de uma perspectiva teórica.

3.1 Identidade e Imigração

Estamos em 2018. Neste momento, existem mais de 7,6 bilhões de pessoas no mundo²². Cada uma delas vive de acordo com um conjunto de normas e paradigmas que dita como os indivíduos devem se comportar em sociedade. Estes indivíduos, incluindo eu e você que está lendo essa monografia, seguem procurando o entendimento completo da subjetividade de cada um de nós. Assim como o nosso papel em cada um dos grupos sociais em que somos inseridos tão logo nascemos.

Um dos estudos é o argumento de Michel Foucault sobre as sociedade disciplinares. Apesar de já ser anacrônica, a teoria do filósofo foi sustentada por boa parte do século XX. Segundo a perspectiva de Foucault, os seres humanos são movidos entre sistemas que tem a finalidade de normatizar as ações dos indivíduos. Esse é um argumento que o filósofo emprega em boa parte das suas obras e discursos, porém a que ele discorre mais detalhadamente sobre essa teoria é o livro *Vigiar e Punir* - publicado em 1975.

O regime disciplinar era constituído por espaços fechados que seguem um determinado conjunto de regras. A primeira delas seria a “família”. Os pais, tios e avós vigiam constantemente os mais novos. A partir de uma série de repreensões, como “não coloque o dedo na tomada”, “não brinque na chuva”, estabelece-se uma noção hierárquica de quem detém o poder e quem deve obedecê-lo. Visto que, cedo ou tarde, ocorrem desobediências, a criança é punida por aquilo que fez, já que “o castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios. Deve portanto ser essencialmente corretivo” (FOUCAULT, 1987, p.204).

O mesmo aconteceria com a “escola”. Depois seríamos encaminhados para o “exército” e, posteriormente, para as “fábricas”. Ainda haveria os “hospitais” e as “prisões” para casos específicos. Havia sempre o intuito de normatizar as ações dos indivíduos. Porém, vinte anos mais tarde, outro filósofo também francês atualizou a teoria de Foucault para os

²² Disponível em <<http://www.worldometers.info/world-population/>>. Acesso em 18 mar. 2018

moldes contemporâneos. Essa dita releitura é a teoria de Gilles Deleuze sobre as sociedades de controle.

Logo no início de *Americanah*, somos apresentados a alguns exemplos que ilustram bem a teoria de Foucault. Ifemelu, a protagonista, tem uma infância marcada pela presença forte da mãe, que impõe a disciplina na casa baseada em condições religiosas. Tanto que opta por matricular a filha em uma escola católica que segue os mesmos valores que julga serem corretos. Tanto em casa, quanto na escola, Ifemelu é constantemente vigiada pelos agentes da fé. Seja sua própria mãe, seja a freira mais rigorosa da escola, a Irmã Ibinabo.

Em uma das passagens da Parte II, Ifemelu contesta a Irmã Ibinabo ao afirmar que a escola havia sido construída com dinheiro sujo dos estelionatários que participavam da igreja. Uma clara afronta ao poder. Em fúria, a religiosa a expulsa da sala de aula e, logo ao chegar em casa, sua mãe a repreendeu com castigos imediatos. “Vou bater em você!”, seguido de “O demônio está usando você. Tem de rezar. Não julgue! Quem julga é Deus”, além complementar a repreensão com puxões de orelha.

Esses exemplos ilustram bem o funcionamento dos mecanismos disciplinares de Foucault, mas os primeiros capítulos de *Americanah* contam uma história que se passa na Nigéria dos anos 90, durante a ditadura do general Ibrahim Babagida. Tanto o espaço temporal quanto as circunstâncias a que a população nigeriana foi submetida durante o regime militar não condizem mais com os métodos mais eficazes de controle atuais.

Os ditos espaços de confinamento estão em crise há muito tempo. Sempre há maneiras de reformulá-los. O caso da escola é bastante palpável. Por exemplo, no Brasil, o Ministério da Educação reestruturou o Ensino Médio e criou uma Base Nacional Comum para uniformizar o que será ensinado em todas as escolas públicas do país. A proposta será implementada a partir deste ano - mesmo com muito resistência por parte de inúmeros educadores brasileiros.

No entanto os mecanismos de vigilância não se resumem a apenas aos espaços fechados. “Não há necessidade de ficção científica para se conceber um mecanismo de controle que dê, a cada instante, a posição de um elemento em espaço aberto, animal numa reserva, homem numa empresa (coleira eletrônica)” (DELEUZE, 1990, p.3). Os indivíduos estão em constante observação sem necessariamente estar cientes disso. O autor exemplifica com o principal objeto que diferencia os *modus operandi* de ambos os regimes: o dinheiro.

Somos reféns. O capitalismo faz com que todos os indivíduos precisem de dinheiro para realizar qualquer ação - por mais simples que ela seja. Logo, estamos sempre em busca

de formas de enriquecer, como uma forma de ter mais liberdade de fazermos o que queremos. Um desses caminhos é o da capacitação. Quanto mais estudamos, mais somos recompensados no mercado de trabalho com um salário maior.

O princípio modulador do “salário por mérito” tenta a própria Educação nacional: com efeito, assim como a empresa substitui a fábrica, a formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame. Este é o meio mais garantido de entregar a escola à empresa. (DELEUZE, 1990, p.2)

A Fundação Getúlio Vargas realizou uma pesquisa na perspectiva da sociedade brasileira. O levantamento não é recente, data de 2016, mas, de tempos em tempos, é recuperado pela mídia. A pesquisa afirma que o salário de um trabalhador aumenta em cerca de 15% para cada ano de estudo concluído²³. A partir deste dado, é possível inferir que uma pessoa que concluiu o ensino médio recebe uma remuneração até três vezes maior do alguém que tem apenas o ensino fundamental completo.

Enquanto a sociedade disciplinar era recheada de ciclos, na era do controle nada tem fim. De uma forma que os indivíduos estão sempre “emendando” obrigações. Uma vez que terminamos o período de educação formal, vamos direto para o mercado de trabalho. Buscando empregos que mantenham nossas faturas do cartão de débito em dia. O modelo de padronização é frustrante.

Em paralelo com o primeiro exemplo, em *Americanah* também temos exemplos da teoria de Deleuze. Em uma circunstância totalmente diferente - anos 2000, nos Estados Unidos -, quando Ifemelu já está concluindo a graduação, a protagonista se vê na emergência de conseguir um emprego assim que consiga o diploma. Seu caso é ainda mais urgente, diante da sua condição de imigrante.

Sendo questionada pelos pais sobre o que faria depois que seu visto de estudante vencesse, Ifemelu começa uma saga em busca de alguma perspectiva de trabalho. Consultando agentes de orientação profissional e correndo entre feiras de emprego promovidas pela universidade, conseguir ou não a oportunidade colocava sua cabeça em jogo. Afinal, seria a nossa subjetividade não pode ser apenas calcada em um fluxo intenso de tarefas a serem cumpridas?

Não só não pode como não é. Por mais que as condições descritas por ambos os autores sobre a sociedade contemplem alguns aspectos sociais, estas não seguem o mesmo padrão em todos os locais do mundo. Principalmente se levarmos em consideração que os

²³ Disponível em <<https://exame.abril.com.br/negocios/dino/salario-aumenta-quase-15-para-cada-ano-de-estudo-diz-fgv-shtml/>>. Acesso em 24 mar. 2018.

estudos de Foucault e Deleuze são focados apenas na perspectiva ocidental. Existem diversos outros fatores que influenciam diretamente no comportamento das comunidades.

Um deles é o território: “Reconhecemos a geografia como a criada da história” (CURZON *apud* SAID, 2007, p. 292). A partir do momento em que as comunidades nômades passaram a fixar raízes na era Revolução Neolítica, o local físico passou a tomar uma importância ainda maior na criação do pertencimento coletivo - ainda que de uma forma muito tímida. O sentimento de “nação” surgiu mais consistentemente a partir do século XVI.

Por volta de 1450, Johannes Gutenberg - gráfico alemão - inventou o primeiro modelo de prensa móvel. A princípio, a máquina foi criada para agilizar o processo de transcrição de exemplares da Bíblia. Mas não tardou muito para que a prensa fosse utilizada para imprimir outros tipos de publicações. Logo em 1500, por exemplo, 20 milhões de livros já haviam sido impressos no continente europeu. Sendo que a população local na época capaz de ler aquelas obras era de 10 milhões de pessoas.

Essa gente leitora e, necessariamente, abastada, consumia todas as publicações em latim - por influência da Igreja católica que realizava todos os seus ritos no idioma. Ainda que a presença religiosa fosse tremenda, seu peso não foi o suficiente para conter a lógica capitalista que já ditava as relações comerciais no continente. Tanto que o mercado editorial também buscou novos públicos para se expandir.

A base da sociedade europeia se comunicava nos dialetos locais de cada território uma vez que o conhecimento do latim era exclusivo do topo da pirâmide social - clérigos e membros da nobreza. O capitalismo já tinha uma oportunidade clara em começar a imprimir os livros nas ditas línguas vernáculas. Porém, contou com a ajuda da Revolução Protestante para facilitar ainda mais a sua expansão comercial.

As pessoas que usavam a línguas vernáculas no dia a dia eram extremamente pobres. Boa parte do conhecimento era dado apenas de forma oral. Por conta disso, uma das principais propostas de Martinho Lutero, ao querer transformar a Igreja Católica, era de traduzir a Bíblia para esses idiomas locais. Assim, o estudo da Bíblia não ficaria preso nas mãos dos ricos. O mercado editorial não só começou a lançar versões da Bíblia para outros idiomas além do latim, como também publicações baratas para a nova parcela leitora da população.

A coligação criada entre o protestantismo e o capitalismo impresso, que explorava as edições populares baratas, criou um rapidamente grandes grupos de novos leitores - principalmente entre os comerciantes e mulheres, que sabiam muito pouco ou nada de latim - e ao mesmo tempo os mobilizou para fins político religiosos. (ANDERSON, 1993, p.67)

A base da pirâmide social apoderou-se do conhecimento e começou a compartilhá-lo entre si. Uma vez que os livros eram comercializados em vários territórios, pessoas de norte a sul, que se comunicavam no mesmo idioma vernáculo, começaram a criar vínculos com base no que liam. Mesmo sem haver contato presencial. Esse foi o primeiro passo para a criação do sentimento de nacionalismo.

As comunidades foram estabelecidas, porém de uma forma “imaginada”, pois “[...] ainda que os membros da nação mais pequena jamais cheguem a conhecer a maioria dos seus conterrâneos, não os verão nem muito menos irão falar com eles, existe na mente de cada um vive a imagem da sua comunhão” (ANDERSON, 1993, p.23). Principalmente, porque não havia ocorrido nenhum movimento de unificação oficial até aquele momento.

Uma vez estabelecido o território, gradualmente, os vínculos se fortaleceram. Mais do que apenas um língua vernácula, os indivíduos passaram a compartilhar de mesmos ideais e costumes - o que caminhará para a formação de culturas.

Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de "tradição", cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade” (HALL, 2003, p.29)

Um países criaram consciência da sua força. As nações europeias firmaram suas identidades de modo que não havia mais dúvida do que era claramente francês ou espanhol. Tanto que decidiram expandir não só seus territórios para além-mar, como também seus costumes. Segundo Hall (2003), o período das grandes navegações no Século XVI foi um dos primeiros episódios da história em que houve a globalização. Ao contrário do que se afirma que o evento que vivemos hoje é inédito.

Visto que esse é um trabalho focado majoritariamente em imigração, é importante frisar a importância do imperialismo, movimento que atingiu o ápice no final do Século XIX, para o surgimento desse movimento. Segundo uma pesquisa da Organização para a Cooperação Para o Desenvolvimento Econômico (OECD) divulgada em 2013, os imigrantes de nascidos em países na América Latina, Caribe e Ásia somavam cerca de metade da população de migrantes dos países participantes da organização²⁴. Territórios que passaram pelo processo de colonização das nações europeias ainda hoje arcam com as consequências com esse modelo de exploração ao ponto de seus habitantes buscarem outros locais para viver.

²⁴ Disponível em <<https://www.oecd.org/els/mig/World-Migration-in-Figures.pdf>>. Acesso em 25 mar. 2018

Dito isso, a construção da identidade dos indivíduos de países latinos americanos, por exemplo, que procurar migrar será extremamente complexo. Da mesma forma que as nações europeias se constituíram de uma costura de perspectivas locais, o imigrante irá pensar na sua própria existência a partir do seu passado em uma perspectiva macro.

Mas afinal, o que é um imigrante? Para Sayad (1979), o imigrante é, essencialmente, uma força de trabalho. Fruto de um problema social - que é a imigração. O autor afirma que estas pessoas são usadas como mão de obra barata para alimentar o sistema capitalista vigente em países desenvolvidos. Enquanto o imigrante não tem os documentos necessários para trabalhar legalmente no país de destino, não há reconhecimento da sua humanidade. Porém, essa situação é provisória, pois sempre é esperado que o imigrante volte para o seu local de origem.

Em *Americanah*, quando começa seus estudos na universidade nos Estados Unidos, Ifemelu passa algum tempo procurando qualquer trabalho que lhe forneça alguma renda. Todas as suas opções, que eram as disponíveis para uma pessoa que usava uma identidade adulterada, eram de “subempregos”. Quando finalmente encontra, é como babá.

No bairro e arredores em que passa a morar com a família para quem trabalha, a protagonista percebe que a “criadagem”, como ela mesma fala, tem uma origem semelhante a dela: “Do outro lado da sebe, viu a babá jamaicana das crianças dos vizinhos andando pela alameda, aquela que sempre desviava o olhar e não gostava de cumprimentá-la” (NGOZI ADICHIE, 2014, p. 185).

A tese de Sayad não deixa de fazer sentido. Além do exemplo de *Americanah*, como vimos na pesquisa da OECD, a maior parte dos imigrantes que existem hoje no mundo vem de países em desenvolvimento. Além disso, existem outros dados que reforçam essa teoria. Segundo outro levantamento realizado por Modood (1997) sobre a minorias étnicas no Reino Unido, 96% dos homens em idade ativa para trabalhar de origem Paquistanesa ou Bengalesa estavam desempregados, assim como seus cônjuges. Enquanto a porcentagem caía para 56% quando analisamos o mesmo público, porém branco.

Praticamente 20 anos depois dos levantamentos de Modood, o fluxo migratório não apresentou grandes mudanças. Em 2015, cerca de 4,7 milhões de pessoas migraram para algum dos países da União Europeia. Em contrapartida, pelo 2,8 milhões²⁵ optaram por deixar o bloco econômico. No mesmo ano, o número total de imigrantes, segundo a Organização das

²⁵ Disponível em <http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Migration_and_migrant_population_statistics/pt#Fluxos_migrat.C3.B3rios>. Acesso em 29 mar. 2018

Nações Unidas, era de 244 milhões. Além disso, 67% desse total se concentrava apenas em 20 países ao redor do globo²⁶.

Ainda assim, essa não é a única definição de imigrante. Antes de ser um trabalhador, o imigrante é um ser humano. Existem várias concepções mais subjetivas sobre aqueles que deixam a terra natal para viver em outra realidade. Uma delas é bem direta: “Quem é estrangeiro? Aquele que não faz parte do grupo, aquele que não ‘é dele’, o *outro*” (KRISTEVA, 1994, p. 100).

Os costumes da terra natal, a influência do país colonizador e a cultura do país para onde o indivíduo escolhe migrar são os pilares para a construção da sua narrativa, já que “[...] a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos” (HALL, 2003, p. 30).

Em *Americanah*, podemos ver essa força das influências do local onde o imigrante habita pela transmissão de costumes entre gerações. No livro, Ifemelu tem um primo quase 20 anos mais novo, Dike. Apesar de também ter nascido na Nigéria, o menino é criado praticamente a vida inteira nos Estados Unidos. Quando a protagonista imigra para começar a faculdade, o Dike ainda é uma criança que mal aprendeu a falar.

Naquele momento, Ifemelu ainda está com a influência da Nigéria impregnada nos seus trejeitos. Tanto que enquanto está na casa da tia esperando suas aulas na faculdade começarem, segue agindo como se estivesse no país de origem. Isso inclui comer banana com amendoim, o que impacta muito Dike. Em uma das passagens, oferece o lanche ao primo.

O menino, por sua vez, estranha: “Porque você está fazendo isso? Comendo uma banana com amendoim?”. “É assim que a gente come na Nigéria. Quer experimentar?”, rebate Ifemelu. A resposta do menino é veementemente negativa, para a infelicidade do leitor: “Não. Acho que não gosto da Nigéria, prima”. Capítulos depois, quando Ifemelu retorna à Nigéria, Dike decide visitá-la. No período em que fica na Nigéria, é o que prepara banana com amendoim e oferece o lanche a prima. Aonde quer que decidamos ir, nossas raízes nos acompanham sem nem ao menos darmos conta.

Tão logo veio a consciência de participar de um grupo, as pessoas passaram a questionar a sua própria individualidade. Segundo Vaz e Santos (2017), é possível apontar o momento da história em que essa necessidade do indivíduo de compreender a si mesmo

²⁶ Disponível em <http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2015_Highlights.pdf>. Acesso em 29 mar. 2018

surgiu. A reflexão sobre o próprio ser sempre existiu. Porém, o conceito de identidade como uma construção social é recente, visto que começou a ganhar força no começo dos anos 1940.

A questão começa a se fortalecer a partir dos anos 60, em que muitos movimentos sociais ligados às minorias estavam construindo suas próprias narrativas com forma de se fortalecer diante da opressão dos grupos hegemônicos:

A mudança significativa ocorreu quando o termo passou a descrever um fenômeno subjetivo, ou seja, para além daquilo que é percebido como fato ou atribuído a um objeto externamente, a identidade passou a representar aquilo que é propriamente “sentido” internamente, descoberto por cada indivíduo em busca por si mesmo para além da expectativa social (MEDOVOI *apud* VAZ & SANTOS, 2017)

A partir desse momento ter a sua individualidade passa a ser visto como uma atitude positiva para se ter. Por sua vez, para que os demais indivíduos possam identificar que alguém tem uma individualidade constituída, é preciso que haja uma expressão desse valor. Se a identidade é uma modalidade subjetiva do indivíduo, ou seja, interna, é necessário usar artifícios externo para que essa personalidade possam ser percebida.

Em um dos momentos da obra de Chimamanda, Ifemelu consegue ingressar no mercado de trabalho, apesar das dificuldades. Ainda assim, essa passagem não deixa de ser traumática. Às vésperas de fazer uma entrevista de emprego para uma vaga de Relações Públicas, a protagonista decide alisar o cabelo.

Não por motivações próprias, mas porque acredita que seu cabelo natural - crespo - não condiz com a imagem profissional esperada pelos recrutadores. Antes mesmo de receber algum comentário sobre sua aparência não corresponder com o ambiente corporativo, Ifemelu prefere se antecipar e precaver que alguém tenha a oportunidade de fazê-lo:

O cabelo de Ifemelu pendia em vez de se manter armado. Estava liso e cintilante, dividido na lateral e virando levemente para dentro na altura do queixo. Não tinha mais cachos. Ela não se reconheceu. Saiu do salão quase de luto; enquanto a cabeleireira alisava as pontas com um ferro, o cheiro de queimado, de algo orgânico morrendo, causou nela uma sensação de perda (NGOZI ADICHIE, 2014, p.221)

A passagem tem um cunho eminentemente racista que poderia ser analisado pelo viés de etnia de forma pertinente. Mas o fato de uma característica física mudar completamente percepção da personagem sobre ela mesma indica uma perda de identidade. Segundo Candelario (2000), o cabelo é uma das principais formas em que há a expressão da personalidade de um indivíduo, principalmente por ser um artifício que traz à tona referências sociais, de gênero, e, claro, raciais.

Moldada à força, a identidade daquele que migra do seu país de origem passa por diversas transformações ao longo da estada no exterior. Da mesma forma que carregamos costumes e tradições da nossa terra natal, o mesmo acontece com os lugares que visitamos ao longo da vida. Absorvemos experiências que tornam nossa identidade uma colcha de retalhos. Ainda assim, existem outros fatores que são determinantes para a constituição da identidade de um ser. No caso de *Americanah*, dois deles são o gênero e a etnia.

3.2 Gênero

“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. A frase mais famosa da autora Simone Beauvoir é, provavelmente, o ponto de partida para qualquer estudo sobre o feminismo. Segundo a filósofa francesa, o “sexo” seria uma condição biológica formada por competências físico-químicas que distinguem os seres humanos. Ao contrário do “gênero”, um conjunto de padrões e comportamentos construído e imposto pela sociedade. A persona do homem é o ponto de partida.

Constrói-se toda a persona masculina e só a partir daí há algum esforço pensar na existência feminina. Baseada na construção social já existente sobre a figura masculina, a mulher torna-se uma categoria definida como “O Outro”. Ao longo de “O Segundo Sexo”, a autora desenvolve um argumento baseado no binarismo, em que homem e mulher são os dois lados de uma moeda. O sujeito masculino exercendo, claro, um protagonismo no âmbito social de uma forma que a mulher é sempre subjugada a sua imagem.

Em “O Segundo Sexo”, não há uma descrição exata do que seria o patriarcado, apesar do termo aparecer repetidas vezes ao longo do livro. A autora parte do pressuposto de que seu interlocutor já sabe o que é o patriarcado e conhece suas implicações. Porém, Beauvoir faz uma breve contextualização sobre como o patriarcado se estabeleceu como sistema social vigente. Na verdade, existe uma teoria a qual sustenta que, nos tempos primitivos, o matriarcado era a organização familiar predominante entre os seres humanos - hipótese foi, primeiramente, proposta por Johann Jakob Bachofen e retomada tempos depois por Friedrich Engels. Padrão este que também é observado por outras espécies na natureza, como as abelhas e as formigas. Estas dispõem toda a sua comunidade em prol de uma fêmea dominante. Desse modo, a autora explica como se deu a inversão de papéis entre homens e mulheres.

Assim, o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso nem o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua

existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino. [...] São eles que decidem se as divindades supremas devem ser femininas ou masculinas. O lugar da mulher na sociedade é sempre eles que estabelecem. Em nenhuma época ela impôs sua própria lei. (BEAUVOIR, 1970, p. 91)

Mas, afinal, como podemos definir o patriarcado? Existem várias definições. Segundo Pateman (1993), trata-se de uma acesso sexual quase sem restrições por parte dos homens aos corpos femininos. O contrato sexual, como a autora intitula essa hipótese, é um desdobramento omitido por um conjunto de convenções socialmente estabelecidas anteriormente.

A história - real ou hipotética - conta como uma nova forma de sociedade civil e de direito político foi fundada por meio de um contrato original. A autoridade legal do Estado, a legislação civil e a própria legitimidade do governo civil moderno são explicadas como apreensões de nossa sociedade referenciais desse contrato. (PATEMAN, 1993, p. 15)

Ou seja, este conjunto de convenções sociais simplesmente é a base das relações interpessoais que vivemos hoje. Logo, como abrange todas as facetas do ser humano, o contrato original trata-se de um contrato social-sexual (PATEMAN, 1993). Enquanto o lado sexual é omitido ao máximo, a vertente social é amplamente explorada, visto que um é o contrário do outro.

O contrato social é calcado do direito patriarcal. É estabelecido que ao homem seria garantida à liberdade, enquanto a mulher ficaria destinada à sujeição de uma forma que essa lógica fosse aplicada nos espaços públicos. O que faz muito sentido diante da interpretação de Beauvoir que a figura feminina incorpora o papel coadjuvante de O Outro, ficando sempre à sombra do protagonismo masculino. Porém, além do direito político sobre a mulher, o homem também tem um acesso sexual praticamente ilimitado aos corpos femininos - o dito contrato sexual, restrito aos espaços privados e às relações íntimas. O patriarcado seria uma demonstração de poder político que dita o regime atual de relações entre homem-mulher (SAFFIOTI, 2004).

Na obra de Chimamanda, um exemplo prático do contrato sexual é o do relacionamento do General, líder político da ditadura, e de Obianuju, a tia de Ifemelu. Mesmo tendo uma vida pública, sendo casado há anos e exercendo o papel de pai de quatro filhos, o militar se vê livre para ter os casos extraconjugais que quiser sem que ninguém conteste as

suas atitudes. Quando Uju engravida na trama, a esposa General não vê outra saída a não ser a de aceitar a situação, mesmo que depois de alguns protestos.

Porém, é impossível que o patriarcado seja limitado ao espaço privado, como afirma Pateman, tanto que “[...] o patriarcalismo [sic] dá sinais no mundo inteiro que está vivo e passando bem [...]” (CASTELLS *apud* SAFFIOTI, 2004, p.58). Como seria possível observar e atestar a manifestação do patriarcado pelo mundo inteiro caso esse sistema político fosse uma restrito apenas em espaços fechados? De acordo com Safiotti (2004), o patriarcado trata-se de uma relação civil, e não privada, que configura relações baseadas na hierarquia se apropriam da ideologia e da violência para se manterem como status quo.

Em *Americanah*, uma personagem que desafia o patriarcado desde a sua primeira aparição no livro é a mãe de Obinze - o co-protagonista da história. Esta mulher poderia facilmente cair em um clichê contemporâneo: torna-se viúva quando Obinze completa sete anos e opta por criá-lo sozinha, no conhecido estilo “mãe solteira” que vai contra todas as adversidades impostas pela vida em prol da sobrevivência da família. O leitor pode até criar uma expectativa para o desenvolvimento da personagem, mas Chimamanda constrói uma figura que impossibilita todas as chances deste estereótipo aparecer na trama.

“A mãe de Obinze”, como é citada na maioria das vezes por Ifemelu ao longo da história, é professora universitária. A personagem não abdica da carreira, muito menos do direito de expressar sua voz. Em uma das passagens mais emblemáticas do livro, o co-protagonista explica o porquê de sua família ter se mudado para a capital. A acadêmica descobre que um dos professores da universidade em que trabalhava está infringindo as normas de uso das dependências da universidade e não hesita em fazer um denúncia pública.

O acusado, por sua vez, agride a professora deliberadamente com o um tapa, afirmando que não aceitaria que uma mulher falasse com ele daquela forma. Mais uma vez, *Americanah* expõe situações dramáticas que podem acabar passando despercebidas diante de uma naturalização de comportamentos. Segundo pesquisas do Banco Mundial, uma em cada três mulheres sofre algum tipo de violência física ao longo da vida - o que pode ser caracterizado com uma pandemia global²⁷.

Segundo pesquisas da Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres), no caso específico da Nigéria, cerca de 16% das mulheres do país entre 15 a 49 anos sofrem algum tipo de violência física ou sexual por

²⁷ Disponível em <<http://www.worldbank.org/en/topic/socialdevelopment/brief/violence-against-women-and-girls>>. Acesso em 3 mai. 2018

parte do parceiro, pelo menos, em algum momento da vida²⁸. Por sua vez, a mãe de Obinze revidou prontamente. Trancou a si mesma e a todos que estavam na sala em que houve a agressão, escondeu a chave no sutiã e afirmou que só liberaria a porta depois que houvesse um pedido público de desculpas pelo ocorrido. O professor fazer o pedido de desculpas, mas apenas da boca para fora para se livrar da situação de constrangimento de forma rápida.

Ainda assim, mesmo depois do ocorrido, a professora continua se movimentando para conscientizar a comunidade universitária do quão absurdo alguém esbofetear outra pessoa em mais nem menos e sair impune. Apesar do seu empenho em produzir artigos e circulares, Obinze comenta na sua narrativa que o único comentário vindos dos alunos sobre o assunto foi: “Como ele pôde dar um tapa em uma viúva”? A passagem termina com a personagem promove a reflexão afirmando não devia ter levado um tapa por ser um ser humano completo, não por não ter um marido para defendê-la.

Fica explícito que a situação só se deu por conta da agressão ter vindo de um homem protegido pelos seus privilégios tanto de poder, a posição de professor universitário lhe garante uma posição de destaque no ambiente acadêmico, quanto de gênero. Afinal, “aos homens se garante a liberdade irrestrita garantida pelo Estado”. A mãe de Obinze mantém sua postura forte ao longo de toda a história, inclusive quando o filho é deportado do Reino Unido depois de alguns anos morando ilegalmente no exterior.

De fato, Beauvoir foi uma das pioneiras ao pensar o papel da mulher da sociedade. Pateman também teve um papel importante ao estudar o contrato sexual. Porém, ainda que suas contribuições sejam inegáveis, o pensamento de ambas é extremamente restrito. Pensar gênero e, conseqüentemente, feminismo vai além de uma relação binária entre “masculino” *versus* “feminino”. Mais do que isso, é dar a oportunidade da mulher incorporar o papel de protagonista que lhe é negado desde o início dos tempos - segundo a própria Simone Beauvoir.

Hoje, ter como absoluto o pensamento de uma estudiosa branca de classe abastada que viveram a perspectiva francesa no século XX é, no mínimo, irresponsável. Não existe apenas uma mulher no âmbito social. Existem mulheres, no plural. Negras, indígenas, brancas, pobres, gordas, caribenhas, altas, ricas, com e sem acesso a educação, periféricas, magras. Cada uma delas uma vivência única de existir no mundo diante das diferentes opressões afligem cada uma em níveis distintos. A advogada Kimberlé Crenshaw define este

²⁸ Disponível em <<http://evaw-global-database.unwomen.org/en/countries/africa/nigeria?pageNumber=3#1>>. Acesso em 5 mai. 2018

pensamento como a introdução da interseccionalidade no feminismo²⁹: “Padrões culturais de opressão não são apenas relacionados, são ligados e influenciam pelos sistemas interseccionais do sistema”³⁰.

Um exemplo que ilustra bem essa a importância da interseccionalidade no movimento feminista é do debate que surgiu em torno do filme “As Sufragistas”, dirigido por Sarah Gavron. A produção foi lançada em 2015 e traz grande nomes do cinema Hollywoodiano no elenco como Meryl Streep. Ainda que concebido na era contemporânea, o enredo de é baseado no em fatos que reais que aconteceram na virada do século XIX para o século XX. Diante da impossibilidade de votar, um grupo de mulheres britânicas fundou o *The National Union of Women’s Suffrage Society* com o intuito de conquistar esse direito, ainda que tardiamente. A união foi a apenas uma entre as mais de 50 associações sufragistas fundadas no Reino Unido.

Pela primeira vez, a Biblioteca da Universidade de Cambridge expôs uma coleção de pôsteres de propagandas do movimento sufragista inglês, o mesmo ilustrado pela produção de Gavron. O acervo é inédito e foi descoberto apenas em 2016. É o que afirma uma recente reportagem do Jornal Nexo³¹ - veículo de comunicação online brasileiro. Segundo a matéria, os materiais eram destinados às mulheres da classe trabalhadora, funcionárias de indústrias, e a jovens universitárias dos anos 1910 - auge das associações sufragistas.

Tanto é que o direito ao voto foi institucionalizado apenas oito anos depois, em 1918, Depois de muita luta, a lei “*Representation of People Act*” foi sancionada, ainda que autorizasse uma parcela muito ínfima da população feminina do Reino Unido a votarem. O decreto autorizava apenas cidadãs britânicas com mais de 30 anos, casadas e proprietárias de terras tivesse direito ao sufrágio. O voto universal só foi reconhecido no país em 1928, pela lei “*Equal Franchise Act*”.

A parcela de mulheres contemplada pela “*Representation of People Act*” era composta majoritariamente por mulheres brancas de classe abastadas. É o que podemos inferir diante da figuras femininas apresentadas nas peças gráficas da exposição da Universidade de Cambridge e no filme “As Sufragistas”. A produção que não conta com

²⁹ Disponível em <<http://shaktiyouth.weebly.com/blog/feminism-without-intersectionality-is-just-white-supremacy-and-we-cant-be-tolerant-of-that>> Acesso em 20 de mai. 2018

³⁰ “Cultural patterns of oppression are not only interrelated, but are bound together and influence by the intersectional systems of society”. Tradução Livre. Disponível em <<http://shaktiyouth.weebly.com/blog/feminism-without-intersectionality-is-just-white-supremacy-and-we-cant-be-tolerant-of-that>>. Acesso em 20 mai. 2018

³¹ Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/02/06/Os-p%C3%B4steres-que-contam-a-hist%C3%B3ria-do-movimento-sufragista-das-inglesas>>. Acesso em 20 mai. 2018

nenhum ator ou atriz de etnia não branca, padrão que também é observado entre os figurantes que participam do filme.

De fato, a maioria da população do Reino Unido era branca no final do século XIX. Porém, isso não significa que não houvessem minorias étnicas no país. Uma das sufragistas mais ativas no movimento foi a Sophia Duleep Singh, de descendência indiana. Além de vista como uma das ativistas mais radicais do movimento, Sophia era membro da realeza.

Filha do Marajá Duleep Singh e afilhada da princesa Vitória do Reino Unido, a princesa Sophia foi membro da União Política e Social das Mulheres. “A vida dela deveria ter sido repleta de festas e privilégio. Ela se sacrificou para lutar pelo voto das britânicas e pela emancipação das indianas”, afirma Anita Anand, autora da biografia “*Sophia: princess, suffragette, revolutionary*”, em entrevista³² para a Revista Época.

No cenário do século XIX europeu, todas as mulheres estavam muito aquém dos homens em relação a gozar de direitos perante a sociedade. Porém, enquanto mulheres brancas já podiam batalhar por alguns deles, a parcela feminina não-branca ainda estava lutando pelo reconhecimento da sua própria humanidade - como afirma a ativista, cientista social em formação e *youtuber* brasileira Nátały Neri³³.

Muito por conta disso, o filme também não foi bem recebido em países em que contaram com a escravidão em sua história. No Brasil e nos Estados Unidos, por exemplo, mulheres não-brancas atuaram ativamente em movimentos sociais em prol da conquistas dos direitos femininos. Vide a ativista Mary Church Terrell, uma das primeiras afro-americanas a obter um diploma universitário, e a cearense Antônia Alves Feitosa, conhecida como Jovita Feitosa, que lutou disfarçada de soldado na Guerra do Paraguai - apenas citando algumas personalidades históricas.

“As Sufragistas” é só um dos casos em que há uma invisibilização das demandas de outras correntes do feminismo por parte da vertente branca do movimento. Abordar interseccionalidade é mais do que importante, é essencial. Assim como Kimberlé Crenshaw, Judith Butler trabalhou a interseccionalidade em seus estudos sobre gênero. Ainda que branca, a autora americana trouxe novas pautas para o estudo de gênero, como as reivindicações do feminismo lésbico, por exemplo.

Butler (2003) sustenta a tese de que não existe binarismo quando se trata de gênero e que é preciso refletir sobre as intersecções no seu estudo - culturais, sociais e políticas.

³² Disponível em <<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/12/o-movimento-sufragista-ou-parte-dele.html>>. Acesso em 20 mai. 2018.

³³ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=uTrLpclk3j4>>. Acesso em 20 mai. 2018

Porém, o ideal é não se restringir a esses três pilares. Em seu livro *Problemas de Gênero - Feminismo e Subversão de Identidade*, a filósofa afirma que existe uma institucionalização social da heterossexualidade.

Dito isso, ao longo do argumento, a autora nos apresenta uma das reivindicações do feminismo lésbico. De fato, tanto homens e mulheres homossexuais sofrem diante a invisibilização de suas sexualidades. Porém, qual o lugar das mulheres lésbicas na sociedade visto que sofrem uma dupla opressão - por parte de seu gênero e por parte da sua sexualidade? Segundo uma fala de Audre Lorde, lésbica negra e feminista defensora do interseccionismo: “A ideia de luta única não existe porque nós não experimentamos vidas unitárias³⁴” (LORDE, 2007, p. 138)

Além disso, muito pautada nas noções de Foucault sobre a normatização de comportamentos dos indivíduos - principalmente da sexualidade -, Butler se indaga o quanto a sexualidade e as normas impostas ao gênero interfere na constituição da identidade das mulheres, visto que seus corpos estão inseridos em um código de conduta intrínsecos a culturas distintas, estando também sob constante observação.

Enquanto a indagação filosófica quase sempre centra a questão do que constitui a “identidade pessoal” nas características internas da pessoa, naquilo que estabeleceria sua continuidade ou auto-identidade no decorrer do tempo, a questão aqui seria: em que medida as *práticas reguladoras* de formação e divisão do gênero constituem a identidade, a coerência interna do sujeito, e, a rigor, o *status* auto-identico da pessoa? Em que medida é a “identidade” um ideal normativo, ao invés de uma característica descritiva de experiência? E como as práticas reguladoras que governam o gênero também governam as noções culturalmente inteligíveis de identidade? (BUTLER, 2003, p.38)

A experiência feminina de constituir uma identidade própria depende das possibilidades que são cedidas a cada mulher mediante do contexto em que é inserida. Ou melhor - das possibilidades que são *conquistadas*. Por mais diversas que sejam as culturas, sempre há uma série de restrições impostas ao comportamento feminina - pelo menos, tratando-se de uma perspectiva ocidental. Como os próprios Bachofen e Engels sustentam, desde os tempos primitivos, as mulheres são impossibilitadas de exercer a sua total potencialidade enquanto seres humanos por terem seus direitos privados pelo patriarcado.

Depois do episódio movimento sufragista, outros levantes deram continuidade a luta por seus direitos. Mulheres prosseguiram se organizando em grupos cada vez mais sólidos, conscientizando-se enquanto feministas. Segundo Ergas (1994), a década de 60 do século XX foi decisiva para o fortalecimento do movimento feminista. Manifestações ao redor do mundo

³⁴ “There is no such thing as a single-issue struggle, because we do not live single-issue lives”. Tradução da autora. “Trecho original”

ocidental multiplicaram-se e a pressão por mudança institucional aumentava exponencialmente. O ano de 1968, especificamente, ficou marcado na história pela onda de protestos ocorridos em Paris, capital francesa, no mês de maio.

Milhares de estudantes foram às ruas reclamar por mudanças na educação do país, construindo barricadas no meio da rua e confrontando diretamente a política local. Porém, este não foi o único protesto inflamado daquele ano: “[...] mulheres americanas teatralizando, no Cemitério Nacional de Arlington, o <<enterro da feminilidade tradicional>> como uma parada de archotes, ou coroando como <<Miss América>> um carneiro, ou ainda deitando *soutiens*, cintas e pestanas postizas num <<caixote de lixo de liberdade>>, tudo em 1968” (ERGAS, 1994, p. 583).

Naquele momento, as mulheres ainda estavam muito aquém dos homens enquanto agentes detentores de voz nos espaços públicos. Os sinais de avanços, porém, prosseguiram diante da pressão que o feminismo exercia para desafiar o *status quo* por meio das manifestações. A parcela feminina da população ocidental promove mudanças políticas em seus respectivos países.

O governo italiano não viu outra alternativa a não ser descriminalizar o aborto no começo da década de 1970. Anos depois das primeiras reivindicações das sufragistas, uma nova geração de mulheres inglesas passa a usufruir de uma legislação voltada para as demandas de gênero, como a Lei do Salário Igual (1970) e a Lei de Proteção ao Emprego (1975) - que tornou a Licença Maternidade obrigatória no país. Isso sem contar na representatividade em cargos políticos que as mulheres conquistaram nesta onda do feminismo que durou até os anos 80.

As manifestações feministas prosseguiram. Os protestos não só conseguiram trazer mais direitos para as mulheres, mas também mudou o rumo do posicionamento político das mesmas. Ao conseguirem direito ao voto, a parcela feminina da população adotou um posicionamento político diferente da corrente conservadora vigente até aquele momento. Tanto é que, dentro desta conjuntura, surgiu o termo “*Gender Gap*”.

A definição crua do termo é: “Diferença não proporcional nos comportamentos e escolhas eleitorais entre os sexos (N.R)” (ERGAS, 1994, p. 584). Analistas políticos criaram a definição para marcar a “virada de chave” do a migração do comportamento eleitoral para posicionamentos de esquerda. Nos Estados Unidos, por exemplo, a grande maioria da parcela de eleitoras mulheres foram contra à presidência de Ronald Reagan - político republicano norte-americano que governou o país entre 1981 a 1989. Outro exemplo é o da Alemanha.

Durante as eleições de 1980 e de 1983, mais mulheres do que homens apoiaram o Partido Social-Democrata.

Mas ainda havia um longo caminho a ser percorrido na busca por uma sociedade, de fato, equitativa. E ainda há. Tanto que um trecho de *Americanah*, Chimamanda problematiza sobre o machismo em um contexto dos Estados Unidos já no século XXI. Em uma passagem do livro, depois de alguns anos da saída abrupta da Nigéria, Tia Uju consegue estabelecer-se nos Estados Unidos com o filho. A médica faz algumas tentativas do exame de equivalência e, uma vez que foi aprovada no teste, começa a trabalhar. Dike adapta-se bem ao ambiente escolar e tudo vai bem.

A partir deste ponto da história, Tia Uju faz uma pausa para rever as prioridades da sua vida. A nigeriana passa a buscar desenfreadamente um companheiro para construir um relacionamento estável. Uju teme sua própria idade. Ao longo da narrativa, a personagem fala diversas vezes que já está ficando velha e que sua fertilidade não é a mesma de quando teve o primeiro filho. No anseio de engravidar o quanto antes, para “dar um irmão a Dike”, a personagem encontra um parceiro.

Bartholomew é nigeriano, também de etnia igbo, divorciado e trabalha com contabilidade. “É de Eziowelle, muito perto da nossa aldeia”, segundo a própria Uju. Aparentemente, o homem é um encaixe perfeito seus planos. Tanto que o casal decide morar junto com pouco tempo de namoro. Mas a paz dura pouco diante dos abusos que a médica passa a sofrer dentro do relacionamento. Vivendo uma jornada dupla, trabalhando de dia e cuidando integralmente dos afazeres domésticos no tempo que lhe resta, a médica faz uma confissão a sobrinha e protagonista da história, Ifemelu.

“Nós dois trabalhamos. Nós dois chegamos em casa no mesmo horário. E você sabe o que Bartholomew faz? Senta na sala, liga a televisão e me pergunta o que vamos jantar. Ele quer que eu dê meu salário para ele. Imagine! Diz que é assim que os casamentos são e que ele é o chefe da família, que eu não devia mandar dinheiro para o meu irmão sem pedir permissão a ele, que eu deveria usar o meu salário para pagar as prestações do carro dele. Quero dar uma olhada em escolar privadas para Dike, com todas essas maluquices acontecendo na escola pública, mas Bartholomew diz que é caro demais. Caro demais! Já os filhos dele estudaram em escolas particulares na Califórnia”. Diante de tantos absurdos, a personagem decide mudar-se para outra cidade com Dike, pensando em construir um futuro melhor para ambos. A dupla parte. Sem segundo integrante.

Essas grandes “ondas” prosseguiram durante os anos 70 e 80. Declarada pela Nações Unidas (ONU) como “A Década da Mulher”, os anos entre 1975 a 1985 foram históricos por

conta dos esforços internacionais. Em 1975, a organização realizou a I Conferência Mundial da Mulher, na Cidade do México. Sob o lema “Igualdade, Desenvolvimento e Paz”, um total de 133 delegações - 113 delas lideradas por mulheres - discutiram formas para eliminar a discriminação da mulher e do seu avanço social.

Posteriormente, até o ano de 1995, a organização seguiu com a organização de conferências sobre mulheres. Até que, finalmente, em 2010, a Assembleia Geral da ONU votou pela criação de um órgão que focasse exclusivamente nas demandas de femininas. Assim sendo, a Entidade da ONU para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres - ONU Mulheres - começou a operar em 1º de janeiro de 2011. Hoje, a ONU Mulheres reúne quatro agências e escritórios: o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM), a Divisão para o Avanço das Mulheres (DAW), o Escritório de Assessoria Especial em Questões de Gênero e o Instituto Internacional de Treinamento e Pesquisa para a Promoção da Mulher (INSTRAW).

Apesar dos avanços, ainda há muita luta pela frente. Cada vez mais mulheres se identificam com a causa e se denominam como feministas. Esta autopercepção é uma tendência que pode ser observada desde os anos 1980. Em 1986, uma pesquisa feita no Canadá inferiu que 46% das mulheres no país se consideravam feministas. Em outro levantamento realizado no mesmo ano, este norte-americano, que 71% das entrevistadas reconheciam o movimento feminista como uma importante ferramenta na luta por direitos das mulheres.

A partir dos anos 2010, uma nova onda do feminismo surgiu. Hoje, uma parcela de mulheres se enxergam, sim, como feminista. A agência de pesquisas britânica *UM London* constatou que 54% das mulheres jovens do Reino Unido - entre 18 a 24 anos - consideram-se feministas³⁵. A porcentagem aumenta ainda mais entre as adolescentes. O mesmo levantamento analisou que cerca de 89% das meninas inglesas entre 13 a 18 anos são a favor do empoderamento feminino. Os dados constam de 2017.

Porém, este posicionamento não é unânime. Pelo menos, *ainda*. Outra parte significativa das mulheres não se autodenomina como feminista, apesar de concordar com a igualdade entre os sexos. Em 2015, uma pesquisa feita pela revista online *VOX* em parceria com o instituto de pesquisa *PerryUndem* sobre a opinião pública de mulheres americanas

³⁵ Disponível em <<https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2017/08/04/girl-power-maioria-das-mulheres-entre-18-e-24-anos-se-considera-feminista.htm>>. Acesso em 02 de jun. 2018

trouxe dados mais claros sobre esse comportamento³⁶: apenas 18% das mulheres norte-americanas se identificam com o termo “feminista”.

Independente da vertente ou do recorte interseccional, o preceito básico do feminismo é a luta pela igualdade entre os sexos. Uma das possíveis interpretações para esse comportamento é a associação construída pelo imaginário popular de que uma feminista é uma mulher “amargurada e com raiva dos homens”. Calcado em esteriótipo, o termo ainda é visto por muitas como uma palavra negativa.

Já no Brasil, o cenário é um mais preocupante. Nossa legislação ainda é baseada em preceitos machistas que fazem valer o Direito Sexual em que as mulheres são subjugadas aos seus respectivos companheiros. Um exemplo claro é o de que as brasileiras ainda precisam da autorização do cônjuge para submeter-se aos processos de laqueadura pelo Sistema único de Saúde (SUS) - segundo o Art. 10 da Lei nº 9.263, sancionada em 1996.

Em um país que o índice de feminicídio foi classificado como o quinto maior do mundo em 2016, de acordo com levantamentos das Nações Unidas³⁷, não é surpresa que 36% das mulheres brasileiras tenham expressado suas vozes e por lutar pelos seus direitos³⁸. Este último dado foi levantado pelo centro de pesquisa francês Ipsos - terceira maior empresa de pesquisa de mercado do mundo. No levantamento em questão, o Brasil perdeu apenas para a Índia (50%) e para a Turquia (39%).

Infelizmente, esta ainda é a nossa realidade. O lado positivo é que existem brasileiras que driblam o medo de repressões violentas para reivindicar uma vida plena em direitos. A nova onda do feminismo acompanhou as novas formas de praticar o ativismo e se apropriou de uma ferramenta que consegue dialogar com diferentes meios: a internet. A era digital das redes sociais possibilitou qualquer pessoa com acesso a um smartphone pudesse produzir conteúdo em plataformas digitais para disseminar a mensagem que quisessem.

No Youtube, a jornalista Julia Tolezano, também conhecida como Jout Jout, começou a gravar vídeos para o seu canal em 2014. Aos poucos, o discurso na sua fala foi adotando um posicionamento feminista que ganhou muita popularidade por conta da sua forma didática e leve de explicar conceitos teóricos. A princípio, seu conteúdo era voltado para as pautas do feminismo branco. Porém, hoje, o canal *Jout Jout Prazer* tem mais de um milhão de inscritos.

³⁶ Disponível em <<https://www.vox.com/2015/4/8/8372417/feminist-gender-equality-poll>>. Acesso em 02 de jun. 2018

³⁷ Disponível em <<https://nacoesunidas.org/onu-femicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>>. Acesso em 02 de jun. 2018

³⁸ Disponível em <<https://www.ipsos.com/sites/default/files/2017-03/global-advisor-feminism-charts-2017.pdf>>. Acesso em 02 de jun. 2017

Diante da amplitude que suas mensagens alcançaram, a *Youtuber* começou a tratar de assuntos interseccionais, trazendo outros produtores de conteúdo para falarem de pautas que traziam outros recortes - como racismo e transsexualidade.

Mas Júlia não foi a única. O *Canal das Bee* teve o seu primeiro vídeo publicado ainda em 2012. Os vídeos protagonizados pelo trio Jéssica Tauane, Débora Baldin e Herbert Castro se propunham a debater e desconstruir ideias sobre LGBTfobia. Outro exemplo foi a da própria Nátaly Neri, do canal *Afros e Afins*, que também fez uso do Youtube para poder produzir conteúdo sobre as pautas do feminismo negro. Unindo o embasamento teórico que adquiriu na faculdade de Ciências Sociais com sua militância, a *Youtuber* tornou mais visível vários debates antes pouco discutidos como o Colorismo e os Mitos da Mulher Negra. Seu primeiro vídeo foi ao ar em 2015.

Em resumo, as ações do feminismo na era digital são muito plurais. A movimento se manifesta de diversas formas na web. Tanto que o tema rende uma monografia inteira só sobre esse recorte sobre a nova onda do feminismo. Especialmente porque, cada vez mais, meninas e, não apenas mulheres, estão atuando na linha de frente em seu ativismo. Porém, ainda é preciso analisar outro aspecto importante de *Americanah*: a etnia.

3.3 Etnia

Americanah é um livro que fala, principalmente, sobre relações humanas. A história se debruça sobre a experiência de dois jovens negros em diferentes circunstâncias e como a sua existência é interpretada em cada espaço que ocupam. Conseqüentemente, a história narra casos de preconceito por conta da sua raça e as formas de opressão que pessoas negras sofrem ao longo da vida - justamente pelas diferenças sociais de cada cenário que o leitor é apresentado. Mas, primeiro, qual a diferença entre “raça” e “etnia”?

Ambos os conceitos não são equivalentes, por mais que, muitas vezes, sejam usados como sinônimos. De acordo com Viana (2009), o conceito de que a raça seria definida como um conjunto de características físicas comuns a um determinado grupo de pessoas é insuficiente. Reduzir “raça” a certas características físicas é superficial por menosprezar os eventos históricos que promoveram a intensa a miscigenação entre indivíduos.

Diante desta interação, alguns autores, como Claude Lévi-Strauss sustentam que novas espécies teriam surgido a partir das três raças - negróide, caucasiana e mongolóide - consideradas “puras”. Porém, este argumento está em desuso. Existe apenas uma espécie, que é a humana. A miscigenação não originou novas espécies, nem subespécies, de seres humanos.

O conceito de “raça” é simplório pois um conjunto de características físicas não diferencia os indivíduos entre “melhores” ou “piores”. Apenas são traços que são compartilhadas por pessoas que podem, ou não, vivem juntas em uma mesma comunidade. Na verdade, o que aconteceu é que a miscigenação diversificou as características associadas aos fenótipos as três “raças puras”: “Por exemplo, os chamados “mulatos” e “pardos” possuem uma herança fenotípica predominantemente negra e por isso não constituem “raças” e sim fazem parte da raça negra” (VIANA, 2009, p. 14).

Já o termo “etnia” é mais abrangente por ser especificado por diversas frentes diferente de pensamento. Uma das mais tradicionais é a concepção primordial, criada por John Rex.

Por ligação primordial entende-se aquela que provém dos ‘dados’, ou mais precisamente – visto que a cultura está inevitavelmente envolvida nestes assuntos – dos ‘dados’ supostos da existência social: contigüidade imediata e ligação forte principalmente, mas para além destas a disponibilidade proveniente do fato de se ter nascido numa determinada comunidade religiosa, de se falar a mesma língua, ou mesmo um dialeto de uma língua, e de se seguir determinadas práticas sociais. Considera-se que esta semelhança de sangue, fala, costumes, etc., possui um poder de coação indescritível e por vezes esmagador de e em si própria. Está-se ligado aos parentes, aos vizinhos, aos correligionários, ipso facto não só em resultado da atração pessoal e da necessidade de convívio, do interesse comum e da obrigação moral assumida, mas também, pelo menos em grande parte, em virtude de certo sentido absoluto e inexplicável atribuído ao próprio laço em si (REX *apud*. VIANA, 2009, p. 16).

A concepção primordial de John Rex é considerada a base para as definições estabelecidas posteriormente para o termo “etnia”. A ideia de “etnia” é constantemente ressignificada pela Academia. Alguns autores, como Lopes (1982), definem a “etnia” como uma entidade que tem a mesma língua, valores, cultura, tradições, religião, entre outros, compartilhada por todos os seus membros que pertencem a uma mesma comunidade.

Já Viana (2009), por sua vez, concorda com muitos aspectos das definições criadas por Lopes e Rex. Porém, opta por também incluir os fatores históricos. Uma etnia pode ser compartilhada tanto por uma sociedade quanto por uma comunidade. Em resumo, como o próprio Viana sintetiza, a “comunidade” é uma parte da “sociedade”. Esta, por sua vez, é considerada uma “coletividade auto-suficiente”.

Esta definição possibilita incluirmos no conceito de “etnia” a possibilidade de indivíduos transitarem entre territórios e interagirem com outras comunidades. A perspectiva do sociólogo brasileiro é a mais alinhada com o que propomos analisar nesta monografia. Visto que a trajetória de vida de Chimamanda, assim como sua narrativa em *Americanah*, é

marcada por migrações, é compreensível que adotemos o conceito de etnia que considera a sociedade como o grupo social válido.

Tanto é que *Americanah* já começa a história partir de uma perspectiva macro. Chimamanda começa sua narrativa com a ida de Ifemelu, a protagonista, a um salão especializado em cortes e penteados afros. No começo do livro, a personagem já mora nos Estados Unidos há muitos anos e reflete se aquele determinado momento é o certo para voltar para a Nigéria - sua terra natal.

Ela, negra retinta e “africana de verdade”, como outros personagens negros norte-americanos citam ao longo da obra, espera na fila para ser atendida. No salão, as cabeleireiras são de nacionalidades diferentes. Duas são do Mali, outra é a senegalesa. Cada grupo de imigrantes vindo de um país diferente da África forma uma comunidade que partilha do seu próprio conjunto de tradições, idiomas e costumes. Todos esses grupos unidos, vivendo em uma cidade nos Estados Unidos e lidando com os costumes dos locais, forma uma sociedade diante das interações que acabam ocorrendo.

Ainda na fila para ser atendida, Ifemelu relembra de um episódio ocorrido anos antes. Durante a empreitada de criar o seu próprio blog, Ifemelu procura conversar com pessoas diferentes em ocasiões rotineiras, na esperança de conseguir alguma pauta para desenvolver posteriormente no *Raceteenth ou Observações diversas sobre negros americanos (antigamente) feitas por uma negra não americana*. Logo na página dez do livro, a personagem conta que em uma viagem de trem, um homem branco que exibia longos dreads no cabelo comentou que “esse negócio de raça é totalmente exagerado hoje em dia, os negros precisam desencanar, é tudo questão de classe agora, os opressores e os oprimidos”.

O que Chimamanda quer problematizar com essa passagem? A “apropriação cultural” é um termo que se popularizou a partir da onda de ativismo na web. A livre possibilidade de produzir e publicar conteúdo abriu portas. Algumas feministas negras, como a anteriormente citada Nátaly Neri, fizeram conteúdos explicando sobre pautas específicas da sua própria etnia. Até esta “virada de chave”, muitos desses comportamentos eram normatizados na nossa sociedades.

A apropriação cultural é uma dessas práticas. Veja bem: cada etnia tem uma cultura própria. São um conjunto de roupas, acessórios e outros artefatos são intrínsecos àquela etnia. Cada um desses artefatos carrega um significado único que dizem respeito apenas a sua cultura de origem. A apropriação cultural aconteceu seria quando alguém de uma etnia

dominante passa a usar um desses elementos de outra cultura fora do contexto social, político ou religioso que o elemento em questão tem originalmente³⁹.

Pessoas brancas, pelo menos, no Brasil, já praticaram algum ato de apropriação cultural. Ao menos uma vez na vida e mesmo que inconscientemente. Ou quer dizer mesmo que você não tem nenhuma foto fantasiado de índio na festa de carnaval da escolinha? Isso, claro, sem nunca ter visitado uma comunidade indígena.

No caso do exemplo em *Americanah*, temos o uso dreadlocks por um homem branco. Os dreads são um artifício estético originário de comunidades africanas. Existem registros sobre o seu uso que datam desde a antiguidade bíblica⁴⁰. Acredita-se que os primeiros a usarem os dreadlocks foram os Himba - nome de uma comunidade tribal de aproximadamente 50 mil pessoas que vivem na fronteira entre Namíbia e Angola. Nesta cultura, o penteado é usado como forma de expressar o *status* civil das mulheres da comunidade.

Durante a diáspora africana⁴¹, em que homens e mulheres foram forçados a deixar seus locais de origem, o uso do penteado passou por ressignificações. Os dreads ficaram mais conhecidos por conta do movimento religioso Rastafari, o qual o cantor jamaicano Bob Marley era adepto, por exemplo. Ainda assim, mesmo com diferentes significados, um homem branco em uma cidade dos Estados Unidos, como citado na história, dificilmente saberia qualquer um desses simbolismos.

Atitudes como a apropriação cultural ocorrem por conta do racismo arraigado em nossa sociedade. No século XIX, quando as nações europeias entraram em uma corrida imperialista para conquistar territórios no “Novo Mundo”, o povo negro foi quem sofreu as consequências. Milhões de africanos foram levados para as colônias na América a fim de servirem como mão de obra escrava para sustentar a exploração das novas terras.

Diante desse cenário, certas teorias foram inventadas para justificar a supremacia da raça caucasiana em relação às demais. Na América colonial, não só os negros foram subjugados a um sistema escravista. Os indígenas locais também foram escravizados. Ou então, dizimados, visto que as comunidades locais não tinham as mesmas ferramentas bélicas para se proteger as investidas europeias.

Desde então, etnias diferente da branca sofreram, e ainda sofrem, com um sistema que despreza a sua existência em relação a branca. Em *Americanah*, o leitor é apresentado a

³⁹ Disponível em <<https://www.geledes.org.br/stephanie-ribeiro-afinal-o-que-e-apropriacao-cultural/>>. Acesso em 03 de jun. 2018

⁴⁰ Disponível em <<http://www.afreaka.com.br/notas/dreadlocks-estilo-negritude-e-historia-reunidos-em-um-penteado-milenar/>>. Acesso em 03 de jun. 2018

⁴¹ Disponível em <<https://www.geledes.org.br/diaspora-africana/>>. Acesso em 9 de jun. 2018

vários episódios que exemplificam como o racismo se manifesta de diferentes maneiras. Principalmente, como essa segregação atinge a existência de mulheres negras. Um desses exemplos é um dos artigos publicados por Ifemelu no seu blog. *Por que as mulheres de pele escura - tanto americanas quanto não americanas - amam Barack Obama* narra sobre a Solidão da Mulher Negra⁴².

Visto que ser negro já é um aspecto negativo perante a sociedade, homens de pele escura procuram parceiras brancas. Ou mulheres que tenham uma tonalidade de pele um pouco mais clara que a sua, pelo menos. Tanto é que Ifemelu decreta: “O fato é que a pele clara é valorizada na comunidade dos negros americanos”. A personagem sustenta o discurso que homens procuram parceiras mais claras como uma maneira de serem melhor vistos socialmente, assim como de “embranquecer” a família, gerando filhos mestiços.

Mas esse não foi o caso do Presidente Barack Obama. Sua esposa, Michelle, é uma mulher negra de pele escura - mais escura que o do próprio Obama. Na linha do tempo de *Americanah*, o post é publicado na época em que o estava concorrendo ao seu primeiro mandato como representante máximo dos Estados Unidos. Ao romper com padrão, Obama mostrou que uma mulher negra de pele escura pode ser advogada, formada em uma das universidades de maior prestígio do país, publicar *best-sellers* e ser porta voz do empoderamento feminino. Ao invés de permanecer presa ao estereótipo criado pela cultura pop norte-americana.

Nos filmes, as mulheres de pele escura fazem o papel da empregada gorda e maternal, ou da amiga da protagonista, que é forte, desbocada e às vezes assustadora, e que está ali para dar apoio. Elas falam coisas e têm atitude enquanto a mulher branca encontra um grande amor. Mas elas nunca podem fazer o papel da mulher gostosa, linda e desejada por todos. Então, as mulheres de pele escura esperam que Obama mude isso (NGOZI ADICHIE, 2014, p. 233)

A invisibilidade da mulher negra vem desde o período colonial nas Américas. Como abordamos no subcapítulo sobre gênero, enquanto mulheres brancas estavam lutando pelo direito ao voto, mulheres negras estavam lutando pela possibilidade de serem reconhecidas enquanto seres humanos. Sojourner Truth, alcunha da abolicionista Isabella Baumfree, ficou marcada na história pelo seu discurso “E eu não sou uma mulher?” em que escara a diferença entre o tratamento recebido por escravas e pelas demais mulheres livres e brancas.

⁴² Disponível em <<https://www.geledes.org.br/sobre-a-solidao-da-mulher-negra/>>. Acesso em 09 de jun. 2018

Diante desta diferença abissal de vivências: “o povo negro, tanto durante como após o período da escravidão, foi forçado a construir, de modo criativo e frequentemente improvisado, uma vida familiar compatível com os ditames da sobrevivência” (DAVIS, 2017, p.71). Mulheres negras seguiram na história vivendo em solidão, tendo que, na maioria das vezes, arcar com o abandono dos parceiros e criar os filhos sozinhas. Empecilhos estes que dificultam a saída de mulheres negras de espaços periféricos.

Quando estas figuras conseguem ocupar espaços privilegiados, ainda é em um papel marginal. Por exemplo, as poucas mulheres negras que encontramos em campi acadêmicos são universitárias. A maioria delas é funcionária da instituição, quando as universidades se dão o trabalho de contratar pessoas negras. Patricia Hill Collins, define este cenário como a posição de *Outsider Within*. Sem tradução literal para o português, o termo simboliza a atuação estratégica específica de mulheres negras em meios brancos. Elas são estrangeiras, mas representam um papel essencial de poder no jogo das famílias para as quais “servem”.

Por muito tempo mulheres afro-americanas participaram dos segredos mais íntimos da sociedade branca. Inúmeras mulheres negras iam de ônibus para a casa de suas “famílias” brancas, onde elas não apenas cozinhavam, limpavam e desempenhavam outras tarefas domésticas, mas também cuidavam de suas “outras crianças”, ofereciam importantes conselhos aos seus empregadores e, frequentemente, tornavam-se membros honorários de suas “famílias” brancas. Essas mulheres viram as elites brancas, tanto as de fato como as aspirantes, a partir de perspectivas que não eram evidentes a seus esposos negros ou aos grupos dominantes (COLLINS, 2016, p. 99)

O que não deixa de ser também uma vantagem. Presentes em ambos os lados, as *Outsiders Within* conseguem exercitar uma interpretação muito mais criativa dos fatos: “Como outsiders within, estudiosas feministas negras podem pertencer a um dos vários distintos grupos de intelectuais marginais cujos pontos de vista prometem enriquecer o discurso sociológico contemporâneo” (COLLINS, 2016, p.101).

Em *Americanah*, Ifemelu assume o papel de *Outsider Within* quando consegue um emprego como babá de duas crianças de uma família de classe média alta no subúrbio de Baltimore. Enquanto é vista como “africana privilegiada” tanto pela família que a empregou como as demais pessoas que frequentam a casa em que trabalha, a protagonista passa por episódios homéricos para conseguir terminar a faculdade.

Ifemelu jamais teria um posto de privilegiada enquanto mulher negra e imigrante nos Estados Unidos. Mas só pelo fato de não estar passando fome, ela é vista como uma grande felizarda que ganhou na loteria da vida por norte-americanos brancos. Um acontecimento que

reforça o seu lugar de “estrangeira” acontece neste mesmo âmbito da família branca, no período em que Ifemelu ainda é babá das crianças.

Às vésperas de um evento na casa, os pais da família contratam um serviço de limpeza de carpetes. Quando o funcionário - branco - encarregado chega no local e é recebido por Ifemelu, o mesmo fica impactado. Em hipótese nenhuma, o limpador iria cogitar que dona da casa seria uma mulher negra retinta. Mas basta a jovem mencionar que a “Sra Turner” contratou a empresa, que a surpresa some no rosto do homem. Uma atitude racista e sutil.

O existir de uma minoria, seja qual for, é completamente diferente do existir branco. Por isso, é importante compreendermos o conceito de lugar de fala. Principalmente, aplicando um recorte ao feminismo, em mulheres brancas precisam entender que os limites de seus discursos para não acabarem oprimindo mulheres negras. Ao invés de apoiá-las, que é a maior proposta do movimento. Afinal, “...o reconhecimento de que partimos de lugares diferentes, posto que experienciamos gênero de modo diferente, leva a legitimação de um discurso excludente, pois não viabiliza outras formas de ser mulher no mundo” (RIBEIRO, 2017 p.51).

Por fim, nos momentos finais do livro, Dike viaja a Nigéria para visitar Ifemelu. Uma das primeiras frases que o adolescente fala enquanto assiste o engarrafamento de Lagos é: “Meu deus, prima. Nunca vi tanta gente negra ao mesmo tempo”. Uma mensagem de Chimamanda para dizer que, independente de etnia, gênero ou nacionalidade, sempre é importante crescer rodeado de semelhantes para a identificação.

4. CONCLUSÃO

Por fim, esta monografia é porque nós somos. Mulheres migrantes espalhadas pelo mundo na saga de (sobre)viver ao desafio que cada uma se propôs a encarar. Ou que lhe foi imposto. Filhas, esposas, irmãs e amigas estão separadas daquilo que aprenderam a chamar de lar ainda na infância. Porém, que, hoje, representa apenas o lugar onde nasceram. Eu sou uma delas. Assim como Chimamanda, que é um pouco de mim mesma.

Mal estas mulheres sabem que a sua existência foi crucial para a minha própria trajetória. O fato de sabermos que existem outras em circunstâncias semelhantes a nossa, que seguem lutando, funciona como um combustível para não desistirmos. *Americanah* foi essa canjica - a cearense, vamos deixar bem claro - para as minhas batalhas nos últimos cinco anos. Logo o tema da monografia não poderia ser outro em que analisar o quanto as experiências pessoais de Chimamanda marcaram toda a sua obra. Não só *Americanah*, o objeto de estudo.

Imprimir a própria subjetividade é algo intrínseco ao trabalho de qualquer criador. Seja quem for o responsável pela obra, seja o formato em que a ideia seja concebida. Da mesma forma que eu fiz questão de ressaltar qual “canjica” se come na minha casa, a autora deixa claro no livro que tem o costume de comer banana com amendoim porque é assim que faz na Nigéria.

Ainda que sua genialidade seja inegável, Chimamanda Ngozi Adichie não é a primeira autora a escrever livros de cunho autobiográfico. Nem será a última. Por exemplo, Marjane Strapi, quadrinista iraniana, narra todo o seu aprendizado de começar uma vida adulta longe da família, na espera de fugir do regime ditatorial do Aiatolá Khomeini em *Persépolis*. Isabel Allende, romancista chilena, por sua vez, retrata a dor materna de ver um filho sofrer ao contar em *Paula* sobre o período em que sua filha entrou em coma.

Porém, mesmo não sendo pioneira, a autora Chimamanda retrata o perfil de um jovem pouco abordado pelo imaginário social. Ao pensarmos em “imigrante”, associamos o termo a imagem de um indivíduo em situações de risco. Diante de tantas notícias sobre a separação de mães e filhos na fronteira México vs Estados Unidos, botes à deriva no Mar Mediterrâneo tentando chegar a costa de algum país europeu e de campos de refugiados superlotados no Quênia, o “imigrante” é, consequentemente, alguém em sofrimento.

Como pudemos analisar ao longo do trabalho, o imigrante, sim, encara dificuldades ao longo do seu período longe da terra natal. Porém, não necessariamente, serão situações em que a vida do indivíduo é ameaçada. Em *Americanah* somos apresentados a esse perfil que,

não é novo, mas apresentado poucas vezes ao público. Ela mesma, ao deixar a Nigéria e começar a uma graduação nos Estados Unidos, representa essa nova faceta.

Até porque, diante da nova globalização em que vivemos, o ir e vir tornou-se um ato um pouco mais palpável para certo grupos. Longe de ser acessível. A maior parcela da população ainda não tem acesso à internet, principal meio de informação hoje. Ainda assim, a informação quebrou barreiras que impediam antes pessoas de conhecerem outros países.

Tanto é que o primeiro passo foi dado. A reportagem proposta no título da monografia irá explorar ainda mais este perfil. Será necessário levantar mais algumas informações, aprofundando o trabalho de apuração - por mais que a monografia seja composta com uma amostragem de dados robusta. Até porque Chimamanda não é única mulher negra imigrante que pôde sair de seu país com o propósitos pessoais.

Para compreender a fundo este perfil, seria interessante também colher informações de outras mulheres por meio de entrevistas. Quem são essas pessoas? O que as motiva a deixar suas casas voluntariamente? Ou melhor, a decisão foi, de fato, voluntária? Existe um padrão no momento de escolher o país de destino? Estas são possíveis indagações que ajudariam no estudo.

Outro ponto importante na produção da reportagem é avaliar como outras mulheres imigrantes negras de origem africana conceberam trabalhos similares. A camaronesa Imbolo Mbue relata não só a sua experiência, como a de sua família, ao se mudar para a cidade para Nova York, nos Estados Unidos. *Aqui Estão Os Sonhadores* pode conter ainda mais referências sobre as mulheres que queremos conhecer, visto que trata de uma realidade semelhante narrada sob outro ponto de vista.

Como já diria o personagem Obinze em seu reencontro com a personagem Ifemelu: “Estou orgulhoso. Você foi lá e aprendeu com a cultura deles”. Chimamanda não só se lança a uma nova realidade, como a compreende e a ressignifica. A autora grita ao mundo que, sim, mulheres negras imigrantes têm o seu local no mundo, apesar de todos os processos de invisibilização social pela qual estas mulheres passam. *Americanah* é um livro que marca a trajetória da autora tanto por ser escrito com maestria quanto por ensinar de forma única sobre a realidade de milhões de existências femininas que me servem de inspiração todos os dias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros, artigos , teses e dissertações

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo.** México, D.F: Fondo de Cultura Económica, 1993.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo. 1. Fatos e Mitos.** Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDELARIO, E.B Ginetta. **Hair Race-ing: Dominican Beauty Culture and Identity Production.** Sociology: Faculty Publications. Northampton: Smith College, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Tradução de Juliana de Castro Galvão. In: *Revista Sociedade e Estado*. Vol 31. Brasília: Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, 2009.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Cultura e Política.** Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum Sobre as Sociedades de Controle. In:____. **Conversações.** Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 219- 226.

ERGAS, Yasmine. **O sujeito mulher: o feminismo dos anos 1960-1980.** In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente.* Porto, Portugal: Afrontamento, 1991. v. 5 (O século XX), p. 583-611.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.

LORDE, Audre. **Sister Outsider: Essays & Speeches by Audre Lorde**. Berkeley, CA: Crossing Press, 2007.

MARSHALL, Tim. **Prisoners of Geography: Ten Maps That Tell You Everything You Need to Know About Global Politics**. London: Elliott & Thompson, 2015.

MODOOD, Tariq.; BERTHOUD, Richard.; LAKEY, Jane.; NAZROO, James.; SMITH, Patten.; VIRDEE, Satnam.; BEISHON, Sharon. **Ethnic Minorities in Britain: Diversity and Disadvantage**. London: Policy Studies Institute, 1997, p. 291 - 338.

NGOZI ADICHIE, Chimamanda. **Americanah**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. Tradução de Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAYAD, Abmalek. O que é um imigrante? *Peuples Méditerranéens*. Paris, nº 7, p. 3-23. Abril - Junho de 1979.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VAZ, Paulo; SANTOS, Amanda. Trauma, Identidade e Testemunho: deslocamentos conceituais e a construção da subjetividade contemporânea. In: XXVII ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 2017, São Paulo. **Anais...** Compós, 2017 (online).

VIANA, Nildo. Raça e Etnia. In: SANTOS, Cleiton Pereira dos; BRAGA, Lisandro; MAESTRI, Mário & VIANA, Nildo. *Capitalismo e Questões Raciais*. Rio de Janeiro: Editora Corifeu. 2017. p. 08 -22